

ALAVOURA

FUNDADA EM 1897

ÓRGÃO OFICIAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA E DAS
CLASSE RURAIS DO ESTADO DA GUANABARA

ANÚNCIO

NOVEMBRO/DEZEMBRO 1963

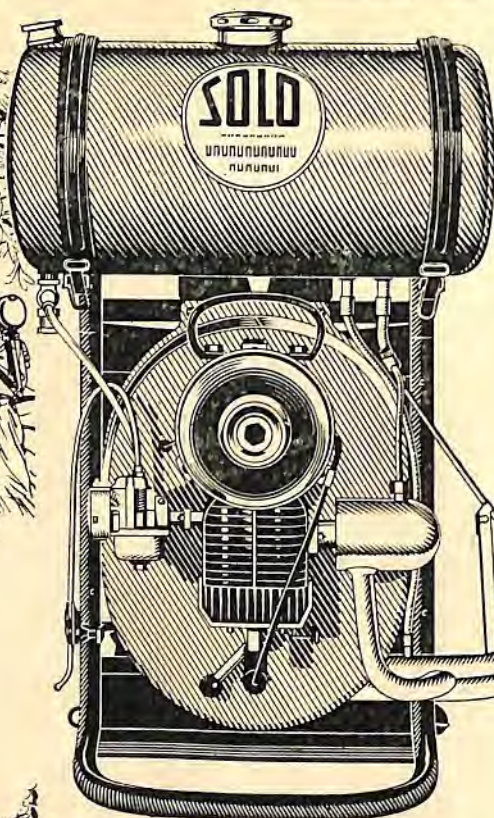


6





POLVILHAÇÃO PULVERIZAÇÃO NEBULIZAÇÃO



**MOTO
POLVILHADEIRA**



Resultado da experiência dos agricultores de todo o mundo, os aparelhos SOLO para proteção das colheitas oferecem estas vantagens:

- ★ Manejo fácil.
- ★ Depósito para 10 litros de pó ou líquido.
- ★ Leve de ser conduzida às costas.
- ★ Alcance do jato: cerca de 15 metros.
- ★ Pêso máximo do aparelho cheio: 25 quilos.
- ★ Motor a gasolina de alta rotação e de pequeno consumo.
- ★ Um só homem pode trabalhar 10 hectares por dia.
- ★ Cobertura total das plantas.
- ★ Ausência completa de trepidação.
- ★ Assistência técnica-amplo estoque de peças.

Distribuidores exclusivos:
**SOCIEDADE COMERCIAL E
INDUSTRIAL**

LASEC LTDA.
RUA CAMERINO, 61/81
Tels.: 43-4990 e 23-2101
RIO DE JANEIRO

A LAVOURA

FUNDADA EM 1897

ÓRGÃO OFICIAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA E DAS
CLASSES RURAIS DO ESTADO DA GUANABARA

ANO LXIV

NOVEMBRO-DEZEMBRO, 1961

A LAVOURA

(ÓRGÃO DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA E DAS
CLASSES RURAIS DO ESTADO
DA GUANABARA)

FUNDADA EM 1897

Presidente da Sociedade
Eng. Agrônomo — LUIZ SIMÕES
LOPES

Diretor Responsável e Redator-
Secretário
LUIZ MARQUES POLIANO

Diretor
Eng.º Agrônomo ANTONIO DE
ARRUDA CAMARA

Diretor Técnico
Eng.º Agrônomo KURT REPSOLD

Redator Técnico
Eng.º Agrônomo GERALDO GOU-
LART DA SILVEIRA

Chefe de Publicidade
CARLOS ALBERTO SOARES

Redação e Administração:

GENERAL JUSTO, 171
Telefone: 42-2981
Caixa Postal: 1245
RIO DE JANEIRO

Nem a redação da Revista nem
a Sociedade Nacional de Agri-
cultura são responsáveis pelos
conceitos emitidos em artigos
assinados

Representante em S. Paulo:

NEWTON FEITOZA

RUA BOA VISTA, 245, 3.º andar
Tel.: 33-1432 — End. Tel.:
"LINEFE," C. P. 7257
— SÃO PAULO —



Fotografia da colheita de batatinhas, experiência feita pelo
Sr. Lauro Trichês, Presidente da Associação Rural de Turvo,
sob a orientação do Escritório do ETA-Projeto 17 — Aceresc.
Sementes adquiridas no Campo experimental do Projeto 10
— do ETA de Lages,

SUMÁRIO

	Pág.
Reminiscências — O Ministério da Agricultura — Luiz Marques Poliano	5
Nôvo plano para a América Latina	6
Distribuição de Prêmios aos Lavradores Cariocas — Eng.º Agr.º Geraldo Goulart da Silveira	8
Eucalipto	10
Alguns aspectos que se destacam na situação agrícola mundial	13
Cooperativismo Rural	21
Problemas de Pesca no Mar do Norte — R. P. Korrings	22
A Lição de um Centenário — Edgard Teixeira Leite ...	24
Bilhete Cooperativista — Osório Tavares	26
Novos Técnicos em Agricultura	27
O Associativismo na Colonização — Eng.º Agr.º Ney Brandão	28
A Classe Rural — Temas e Sugestões — Arruda Câmara	29
As Cooperativas Centrais — Fábio Luz Filho	36



A Cana de Açúcar, des-
de os primórdios de nossa
história tem contribuído
decisivamente para a eco-
nomia nacional.

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

RECONHECIDA DE UTILIDADE PÚBLICA PELA LEI N.º 3.549, DE 18 DE OUTUBRO DE 1918

Presidente Perpétuo — Dr. MIGUEL CALMON DU PIN E ALMEIDA
Presidente Benemérito — Dr. WENCESLAU BRAZ PEREIRA GOMES

DIRETORIA GERAL

Presidente	—	LUIZ SIMÕES LOPES
1.º Vice-Presidente	—	EDGARD TEIXEIRA LEITE
2.º Vice-Presidente	—	KURT REPSOLD
3.º Vice-Presidente	—	ANTONIO DE ARRUDA CAMARA
1.º Secretário	—	FREDERICO MURTINHO BRAGA
2.º Secretário	—	ADAMASTOR LIMA
3.º Secretário	—	JOSÉ ARISTOBULO DE CASTRO FILGUEIRAS
4.º Secretário	—	GERALDO GOULART DA SILVEIRA
1.º Tesoureiro	—	RAFAEL XAVIER
2.º Tesoureiro	—	OTTO FRENSEL
Secretário-Geral	—	LUIZ MARQUES POLIANO

DIRETORIA TÉCNICA

ALBERTO RAVACHE
ALTINO DE AZEVEDO SODRÉ
BEN-HUR FERREIRA RAPOSO
ENNIO LUIZ LEITÃO

FLAVIO DA COSTA BRITTO
OSMAR LOPES REZENDE
JOAQUIM BERTINO DE MORAES CARVALHO
JÚLIO CESAR COVELLO
MARIO DE OLIVEIRA

CONSELHO SUPERIOR (SÓCIOS TITULARES)

CADEIRA

1 — ENNES DE SOUZA
2 — MOURA BRASIL
3 — CAMPOS DA PAZ
4 — BARÃO DE CAPANEMA
5 — ANTONIO FIALHO
6 — WENCESLAU BELLO
7 — SYLVIO RANGEL
8 — PACHECO LEÃO
9 — LAURO MULLER
10 — MIGUEL CALMON
11 — LYRA CASTRO
12 — AUGUSTO RAMOS
13 — SIMÕES LOPES
14 — EDUARDO COTRIM
15 — PEDRO OZÓRIO
16 — TRAJANO MEDEIROS
17 — PAULINO CAVALCANTI
18 — FERNANDO COSTA
19 — SÉRGIO DE CARVALHO
20 — GUSTAVO DUTRA
21 — JOSÉ TRINDADE
22 — IGNÁCIO TOSTA
23 — JOSÉ SATURNINO
24 — JOSÉ BONIFÁCIO
25 — LUIZ DE QUEIROZ
26 — CARLOS MOREIRA
27 — ALBERTO SAMPAIO
28 — NAVARRO DE ANDRADE
29 — ALBERTO TORRES
30 — SÁ FORTES
31 — THEODORO PECKOLT
32 — RICARDO DE CARVALHO
33 — BARBOSA RODRIGUES
34 — GONZAGA CAMPOS
35 — AMÉRICO BRAGA
36 — EPAMINONDAS DE SOUZA
37 — MELLO LEITÃO
38 — ARISTIDES CAIRE
39 — VITAL BRASIL
40 — GETÚLIO VARGAS

OCUPANTE

Vaga
Alberto Ravache
Geraldo Goulart da Silveira
Kurt Repsold
Luiz Marques Poliano
Antonio de Arruda Camara
Ennio Luiz Leitão
Frederico Murtinho Braga
Valentim F. Bouças
Heitor Grillo
Joaquim Bertino de M. Carvalho
Edgard Teixeira Leite
Luiz Simões Lopes
Jayme Bernardes Cotrim
Paulo Simões Lopes
Antônio José Alves de Souza
Luiz Guimarães Junior
Iris Meinberg
Julio Cesar Covello
Oswaldo Balarin
Ignácio Tosta Filho
José Augusto B. de Medeiros
Fábio Luz Filho
Mário Penteado de F. e Silva
Francisco de Assis Iglésias
Alfredo L. de Ferreira Chaves
Honório Monteiro Filho
José Carlos de Macedo Soares
Rômulo Cavina
Otto Frensel
Rômulo Joviano
Oswaldo Lazzarini Peckolt
José Sampaio Fernandes
Sylvio Fróes de Abreu
José Assis Ribeiro
Moacyr Alves de Souza
José Carlos Bello Lisboa
Milton Freitas de Souza
Vaga
Adamastor Lima

A SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA participa em caráter permanente dos seguintes órgãos:

Comissão Permanente de Exposições e Feiras (Ministério do Trabalho) — Dr. Alberto Ravache; Suplente, Luiz Marques Poliano; Conselho Consultivo do E. F. Central do Brasil — Dr. Altino de Azevedo Sodré; Comissão Permanente de Estradas de Rodagem — Dr. Raul David de Sansom; Instituto Brasileiro de Educação e Cultura (Ministério das Relações Exteriores) — Dr. Luiz Simões Lopes; Conselho Nacional de Aplicação dos Empréstimos Rurais — (Ministério da Fazenda) — Dr. Luiz Simões Lopes; Conselho Interamericano de Comércio e Produção — Dr. Edgard Teixeira Leite; Comissão Consultiva de Acordos Comerciais (Ministério das Relações Exteriores) — Dr. Alberto Ravache; Comissão de Política Agrária (Ministério da Agricultura) — Dr. Luiz Simões Lopes, Suplente: Alberto Ravache; Conselho do Mérito Agrícola — Luiz Simões Lopes, Suplente; Ben Hur Raposo; Conselho Regional do S.S.R. da Guanabara — Abel de Almeida; Conselho Superior de Recursos Fiscais do Estado da Guanabara — Juvenal da Silva Azevedo.

Dificuldades do Ministério da Agricultura

Ao findar 1961, ano que se caracterizou por um quase colapso na administração federal, primeiro, pela transferência da capital para Brasília, segundo, pelos acontecimentos de agosto, trauma de que até hoje ainda não se recuperou a vida nacional, sérias preocupações assaltam a classe rural.

A mudança para Brasília — parcial, tanto no pessoal como no material, sobretudo no que tange ao Ministério da Agricultura, afetou de muito a ação deste Departamento, não se sabendo ao certo até hoje, para onde dirigir-se o interessado — se para o Rio ou para a Nova Capital, quando algum assunto o leve a procurar suas repartições. Dos projetos do governo substituído em agosto último, muitas providências foram esboçadas, mas nenhuma, ao que sabemos, concretizada no setor da Produção. Assim, a mudança e a renúncia foram nefastas para a Pasta que nos diz respeito. Há casos de auxílios a estabelecimentos de ensino, para a manutenção de alunos que, até hoje, não foram pagos.

Se antes o Ministério da Agricultura, pela mesquinhez das verbas que lhe votava o Congresso; pelos cortes oriundos dos chamados planos de economia; e ainda pela irregularidade e retardamentos que sofria a distribuição dos seus recursos, indispensáveis ao atendimento dos respectivos serviços, já se encontrava com sua ação seriamente comprometida, é de esperar-se, quando ainda nem sabemos com quanto foi ele aquinhado no orçamento do ano próximo, procurem os responsáveis pela importante Pasta atentar seriamente para o problema, a fim de reduzir ao mínimo as dificuldades que se avizinham, capazes de sufocar o programa de ação do Ministério entregue ao zelo e à competência do Sr. Armando Monteiro, de cujas disposições e boa vontade estamos plenamente convencidos.

As pragas não avisam da hora de sua chegada, da mesma forma que as calamidades climáticas; as colheitas e as semeaduras obedecem a calendários que não se podem mudar; o pessoal da verba três tão numeroso no Ministério da Agricultura — precisa comer e vestir-se para poder trabalhar. Por outro lado, a produção deve aumentar, para que não se agrave ainda mais a crise de insuficiência de gêneros alimentícios, pois, aí, encarecerá ainda mais a vida, com os seus maléficos reflexos sobre a população, já tão angustiada pelas dificuldades atuais, a cada hora.

Mas, para que a produção aumente, ou, pelo menos não diminua, é necessário que não falem recursos ao Ministério da Agricultura — que a sua ação, a final, seja facilitada e não, como até aqui, travada por uma incorrigível burocracia que já devia ter de há muito cedido lugar a processos mais modernos de administração.

Esta é a reprodução do bronze comemorativo do 40º aniversário das atividades dos Produtos Nestlé no Brasil, iniciadas com a instalação da fábrica de Araras, em São Paulo, no ano de 1921. Constitui a mais elevada, especial e carinhosa homenagem à Mãe Brasileira, que confia na marca Nestlé como sinônimo de produtos nutritivos, de qualidade garantida, para auxiliá-la na difícil missão de cuidar de nossa infância.



NA PASSAGEM DO SEU 40^o ANIVERSÁRIO, A HOMENAGEM DOS PRODUTOS NESTLÉ

À MÃE BRASILEIRA, de cujo amor e abnegação tanto dependem as gerações de amanhã;

AOS PEDIATRAS, dedicados protetores da saúde de nossa infância;

AOS DISTRIBUIDORES, constantes e entusiásticos divulgadores dos Produtos Nestlé;

AOS NOSSOS FORNECEDORES, que garantem o suprimento regular das matérias-primas indispensáveis aos nossos produtos;

AOS NOSSOS FUNCIONÁRIOS, que com profícuo trabalho tornam possível à empresa a plena realização dos objetivos por ela idealizados.



PRODUTOS NESTLÉ - 1921 - 1961
40 ANOS A SERVIÇO DA FAMÍLIA BRASILEIRA

REMINISCÊNCIAS

O Ministério da Agricultura

LUIZ MARQUES POLIANO

O Dr. Joaquim Inácio Tosta, deputado federal pela Bahia, dirigindo-se, em tempo, à Sociedade Nacional de Agricultura, assim se expressava: "A criação do Ministério da Agricultura foi proclamada necessidade inadiável da lavoura em 1901, no Congresso Nacional de Agricultura, convocado pela Sociedade Nacional de Agricultura que, dessa data em diante, nunca interrompeu a sua patriótica e valiosa propaganda em prol da realização da ideia, cabendo-lhe, portanto, a parte principal da vitória que se aproxima."

Fora aquele ilustre parlamentar relator do projeto da criação do Ministério da Agricultura, em obediência à primeira das 96 conclusões daquele memorável certame, realizado no Rio de Janeiro.

Mas, não estamos aqui para reivindicar para a Casa de Ennes de Souza a ideia vencedora em 1906 e concretizada alguns anos depois. O que queremos, agora, é fazer uma curiosa comparação do que, por ocasião do projeto, se pretendia gastar na nova Secretaria de Estado, com o que agora se gasta (1961) com a repartição votada ao fomento e defesa da nossa produção agro-pecuária.

Note-se que, àquela época, o café, o açúcar, o mate, o sal, o arroz, o pinho e outros produtos das indústrias agrícola e extrativa não dispunham das autarquias que deles hoje cuidam especificadamente: o Ministro ganharia 36:000\$000 por ano; o diretor geral, 15:000\$000, o Chefe da Secção de Contabilidade, o de Caminhos Públicos e Transportes, o de Meteorologia Agrícola, e tantos outros, 10:000\$000, por ano. Para resumir, todo o orçamento do Ministério da Agricultura, segundo o projeto, consumiria por exercício, inclusive 49:000\$00 de Eventuais, a "elevada" quantia de mil e seiscentos contos de reis, ou, traduzindo para a nossa moeda atual, um milhão e seiscentos mil cruzeiros!

Bem, não falaremos de quanto ganham hoje o Ministro, os Diretores Gerais, os Chefes de Secção. Talvez ganhem muito pouco ainda, mas basta que coloquemos ao lado do "audacioso" orçamento do Deputado Crístico Cruz, de 1905, o montante do orçamento geral do Ministério da Agricultura para 1961: Cr\$ 14.646.633.462,00 (Quatorze bilhões, seiscentos e quarenta e seis milhões, seiscentos e trinta e três mil e quatrocentos e sessenta e dois cruzeiros). O de 1962 deve ser um pouco maior e dele não tivemos ainda conhecimento.

E' verdade que, áqueles idos, o dolar não havia ainda alcançado a casa dos 400...

NOVO PLANO PARA A AMÉRICA LATINA

Concentrando cerca de 190 milhões de habitantes, numa área geográfica de 20 milhões de quilômetros quadrados, a América Latina possui, no entanto, um dos mais baixos índices de desenvolvimento do mundo. Agravando, ainda mais, o seu quadro sócio-econômico, vem esta parte do Continente sofrendo um contínuo processo de empreendimento, com uma renda "per capita", representando 1/3 da renda da Europa Ocidental e 1/7 da dos Estados Unidos, caindo assustadoramente no seu índice de crescimento. De 2,7% ao ano, registrados no período de 1945 a 1955, a elevação da renda "per capita" dos latino-americanos desceu, entre 1955 e 1959, para 1,2%. Sua agricultura, por outro lado, que absorve 60% da população, contribui com apenas 25% para a formação do produto bruto total, em face das profundas distorções que apresenta na sua distribuição, extremamente desfavorável e anti-econômica, pois cerca de 80 a 80% de suas áreas cultiváveis se encontram em poder de um número reduzido de proprietários que varia entre 3 a 8%. Junta-se a este o problema da educação e o seu comércio internacional, sensivelmente desigual, o que torna, cada dia mais árdua, a luta dos seus habitantes pela sobrevivência.

Para mudar esse quadro é que foi criado o plano "Aliança para o Progresso", de inspiração do presidente Kennedy, cujo objetivo principal é a consolidação de todos os planos de desenvolvimento econômico e social das Américas, visando ao apro-

veitamento máximo dos recursos próprios de cada país e dos provenientes de fontes públicas e privadas dos Estados Unidos, calculados, só estes últimos, em vinte bilhões de dólares, em dez anos.

A chamada "Carta de Punta del Este", assinada pelos representantes de todas as nações latino-americanas, com exceção de Cuba, é o instrumento básico de execução dessa nova política e através dela os seus signatários fixaram os seguintes objetivos: a) distribuição mais equitativa da renda nacional; b) diversificação equilibrada das estruturas econômicas, tanto as relacionadas com o plano interno, como as de sentido internacional; c) aumento da produtividade global da economia, utilizando, plenamente, todos os recursos, racionalizando a industrialização e aumentando a produtividade agrícola, através de uma série de reformas básicas no regime de distribuição de terras, de crédito e de assistência técnica, a fim de que constituam a base da estabilidade econômica para os homens que nelas trabalham; d) eliminação do analfabetismo entre os adultos, garantindo, em 1970, um mínimo de seis anos de educação primária a toda criança em idade escolar na América Latina; modernização e ampliação dos meios para o ensino secundário, vocacional, técnico e superior; e) melhoria das condições de vida das populações, garantindo:

- 1) água potável e esgotos a pelo menos 71% da população urbana e 50% da rural;

- 2) a redução da mortalidade infantil;
 - 3) a erradicação das enfermidades;
 - 4) a melhoria da alimentação, formando e aperfeiçoando profissionais auxiliares de saúde;
 - 5) a utilização mais efetiva dos conhecimentos derivados da investigação científica para a prevenção e cura das enfermidades.
- f) aumentar a construção de habitações econômicas para famílias de baixo nível de renda; g) manter níveis de preços razoavelmente estáveis, evitando a inflação e a deflação; h) fortalecer a integração econômica, visando à criação de um mercado comunitário-americano; i) evitar as flutuações excessivas dos lucros em divisas procedentes de exportações primárias.

Além desses itens, as repúblicas americanas reconheceram ainda a necessidade de estabelecer os requisitos básicos, visando o desenvolvimento econômico e social através de programas nacionais amplos e bem concebidos. Dentre eles, bem como a utilização mais produtiva dos recursos a serem extraídos do exterior, sem os quais não seria possível o financiamento da produção de bens de capital e consumo durável, ou alternativamente, para sua importação, cuja disponibilidade é sabidamente escassa na região. Por outro lado, ficou patente que, nos próximos meses, os representantes das nações norte-americanas que participaram da Conferência da Punta del Este formularão todos esses programas de desenvolvimento a longo prazo.

Para nós do Brasil, particularmente, que tivemos as

(continua na página 8)

ADUBOS VIANNA

Fórmulas para todas as lavouras

ARTHUR VIANNA CIA. DE MATERIAIS AGRÍCOLAS

Caixa Postal, 3572 — Endereço Telegráfico: "SALITRE" — RIO DE JANEIRO

FORMICIDA SHELL SUPER MATA A FORMIGA!



O novo Formicida Shell Super, à base de Aldrin, extermina realmente as formigas. Sua fórmula é o resultado de longos anos de ensaios e experiências nos laboratórios e nos campos.

Veja como é fácil exterminar as formigas com o Formicida Shell Super.

1. - Localize o formigueiro e meça a área de terra solta, multiplicando o maior comprimento pela maior largura.

2. - Escolha os canais de maior diâmetro e de direção vertical ou oblíqua para o centro do formigueiro (nunca para fora do formigueiro).



3 - Aplique 30 gramas de formicida por metro quadrado de formigueiro (o que corresponde a 10 "bombadas" usando a Bomba Shell). Ex.: num formigueiro de 40 m² devem-se aplicar $40 \times 30 = 1.200$ gramas de formicida.

Se o formigueiro for grande, trate apenas os canais da periferia, ou seja, os canais que o circundam, não sendo necessário raspar toda a área do formigueiro.

Se o formigueiro for pequeno, raspe toda a terra solta e trate os melhores canais dois dias depois. Neste prazo, os canais entupidos já estarão reabertos, facilitando a operação.



Para exterminar os formigueiros de encosta, fura-se o terreno com a sonda JP ou trado, de modo a atingir as panelas ativas. Pelos furos, onde sai muita formiga, aplica-se o Formicida Shell Super.

Qualquer que seja o tipo de formigueiro tratado, ele deve ser observado após 60 dias. Se ainda houver alguns canais ativos, algumas bombadas significam a completa destruição do formigueiro.

Cuidados pessoais: evitar o contato e a aspiração do pó. Após o trabalho, lavar bem as mãos com água e sabão. Comparado com outros formicidas, o novo Formicida Shell Super é muito menos tóxico.

São surpreendentes os resultados que se obtém com o Formicida Shell Super. Basta seguir as instruções atentamente para livrar-se dessa terrível praga. Ataque imediatamente os formigueiros com Formicida Shell Super!



FORMICIDA SHELL SUPER

NA AGRICULTURA E NA INDÚSTRIA

PRODUTOS QUÍMICOS



DISTRIBUIÇÃO DE PRÊMIOS AOS LAVRADORES CARIOCAS

Eng. Agr.
Geraldo Goulart da Silveira
Membro da Comissão de
Julgamento

Com a presença de altas autoridades foram distribuídos, em solenidade realizada no Sertão Carioca no dia 21 de setembro — Dia do Lavrador Carioca — os prêmios instituídos pela Lei n.º 8/8 de 14.11.1956.

Foram os seguintes os prêmios distribuídos nas diferentes categorias:

I — Categoria de Organização

Esta categoria abrangeu uma única classe, com prêmio no valor de cem mil cruzeiros, destinado ao lavrador e criador que mantivesse melhor organização rural, considerando-se a eficiência e a exatidão de sua escritura no movimento produtivo e despesas gerais, dentro de um cunho prático, cuja adoção possa ser generalizada.

Concorreram ao prêmio sete agricultores sendo classificado em primeiro lugar, com um total de noventa e cinco pontos, o sr. Acácio Miguel Szechy, da jurisdição do Posto Agrícola IV.

II — Categoria de Produtividade

Na classe IIa., com prêmio no valor de cinquenta mil cruzeiros, destinado ao lavrador que apresentasse, por um hectare, maior rendimento no cultivo de hortaliças, foram inscritos seis lavradores, alcançando o primeiro lugar, com setenta e oito pontos, o sr. João Pinto Rodrigues, da jurisdição do Posto Agrícola II.

Na classe IIb. com prêmio no valor de cinquenta mil cruzeiros, destinado ao lavrador e criador que apresentasse maior produção de ovos, tomando-se por base um plantel de quinhentas aves, foram inscritos nove produtores, alcançando o primeiro lugar, o sr. Sylvio Maul, com noventa e seis pontos e quarenta e um dé-

cimos, da jurisdição do Posto Agrícola IV.

Na classe IIc. com prêmio no valor de cinquenta mil cruzeiros, destinado ao lavrador que produzisse o melhor lote de pintos de um dia, tomando-se por base um lote de quinhentas cabeças, inscreveram-se sete criadores, alcançando o primeiro lugar, com oitenta e três pontos e oitenta e um décimos, o sr. José Martins de Santa Rosa, da jurisdição do Posto Agrícola IV.

Na classe IId, com prêmio no valor de trinta mil cruzeiros destinado ao lavrador que apresentasse maior produtividade agrícola, qualitativa e quantitativamente, tomando-se por base cinco colmeias, inscreveram-se dois apicultores, logrando o primeiro lugar, com noventa pontos, o sr. Francisco Cardoso da Fonseca, da jurisdição do Posto IV.

III — Categoria de Mecanização

Esta categoria abrangeu uma única classe com prêmio no valor de cem mil cruzeiros, destinado ao lavrador que mediante o emprego de máquinas agrícolas reduzisse comprovadamente os gastos de manutenção da mão de obra da sua propriedade agrícola tomando-se por base uma área de cinco hectares. Inscreveram-se dois lavradores, alcançando o primeiro lugar, com noventa e seis pontos, o sr. Masanao Togashi, da jurisdição do Posto VI.

IV — Categoria de Defesa de Recursos Naturais

Na classe IVb, com prêmio de cinquenta mil cruzeiros, destinado ao lavrador e criador que reflorestasse uma área contígua de três hectares, de terreno fortemente inclinado, obedecendo melhor critério técnico increve-

ram-se dois lavradores logrando o primeiro lugar, com noventa e dois pontos, o sr. Fernando Larranny Mellen, da jurisdição do Posto Agrícola II.

V — Categoria de Economia Doméstica

Nesta categoria, que abrangeu uma só classe, com prêmio no valor de trinta mil cruzeiros, destinado ao lavrador ou criador que apresentasse maior diversidade de indústrias caseiras, como atividade subsidiária, só foi inscrito o sr. João de Deus Oliveira, da jurisdição do Posto V que atingiu oitenta e oito pontos e foi premiado.

VI — Categoria de Abastecimento

Nesta categoria, que abrangeu uma só classe, com prêmio de cem mil cruzeiros, destinado ao lavrador que concorresse com maior volume de produção para o abastecimento da cidade considerando-se a diversidade de cultura em uma área base de cinco hectares, concorreram oito lavradores, alcançando o primeiro lugar o sr. Angelo Hoshiva, com cem pontos, da jurisdição do Posto Agrícola VI.

ANUNCIE

EM

“ A LAVOURA ”

(conclusão da pág. 6)

segurado um financiamento em dólares no valor de 369,1 milhões, dentro do Plano de Emergência, as normas preconizadas pelo “Aliança para o Progresso”, representam uma nova perspectiva na luta contra o sub-desenvolvimento que, acreditamos, ser o maior de todos os problemas com que nos defrontamos, juntamente com toda a América Latina. Do seu êxito, espera-se melhor futuro para essa região, não só no seu plano social como também no seu desenvolvimento econômico



I ENCONTRO RURAL DA GUANABARA

Ao alto os Srs. Flávio da Costa Brito, Presidente do Conselho Regional do S.S.R. da Guanabara, tendo à esquerda o Sr. Luiz Marques Poliano, Secretário Geral da S.N.A. (órgão Federativo do Estado) e ainda, a Professora Eliete Auler, que compareceu a fim de esclarecer os presentes a respeito da Campanha (que teve o maior êxito) da vacinação em massa (Sabin); em baixo, grupo de ruralistas presentes, aos quais foram expostos os desejos do CR da GB de dar maior entrosamento com as associações rurais e cooperativas do Estado. A reunião realizou-se na magnífica sede da Associação Carioca de Avicultura, em Campo Grande, presidida pelo Sr. Pelayo Vidal Martins

EUCALIPTO

Bibliografia - (*)

"Não pretendemos na presente Bibliografia, arrolar todo o material existente sobre Eucalipto dada a extensão do que foi escrito sobre o assunto. Limitamo-nos, apenas, a compilar as obras existentes sobre a matéria em pauta nas Bibliotecas das seguintes instituições:

Biblioteca Nacional (BN)
Escritório Técnico de Agricultura (ETA)
Instituto Brasileiro de Biblioteca e Documentação (IBBD)
Serviço de Informação Agrícola (SIA)
Serviço Florestal (SF)
Sociedade Nacional de Agricultura (SNA)"

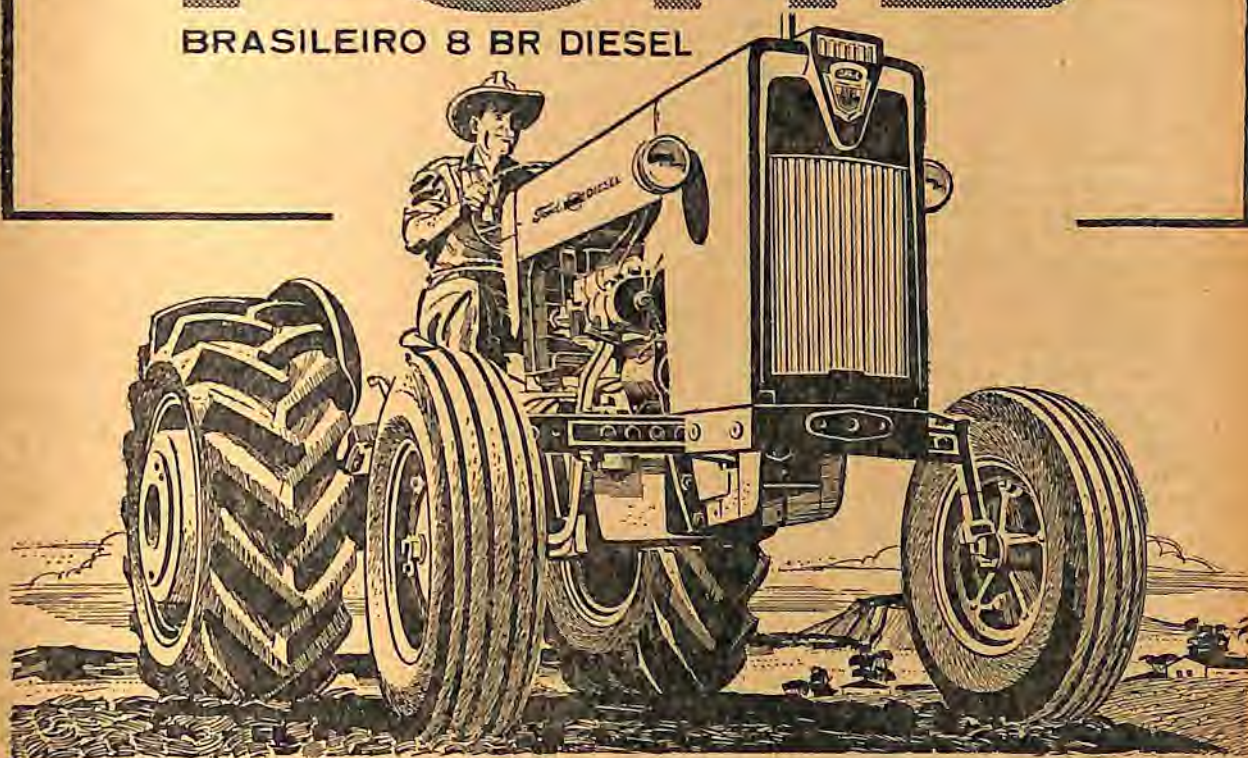
- 1) ACCORSI, Walter Radamés — Dispositivo analiforme, coroado de pêlos absorventes, nos "seedling" de Eucalyptus (IN Anais do LV Congresso Nacional da Sociedade Botânica do Brasil, Recife: 278-279, 1953. — IBBB)
- 2) ACCORSI, Walter Radamés — Eucalyptus tereticornis Smith e Eucalyptus Citricodora Hooker ... Piracicaba, S. Paulo, 1941. 89 p. illus. — SF
- 3) ACCORSI, Walter Radamés — Sobre a ocorrência de órgão cupuliforme, com bordos pelíferos, no colo dos "seedlings" de eucalyptus ... [2 p.] — [s.n.t.] — ETA
- 4) ALMEIDA, Djalma Guilherme de — Estudo comparativo de cinco talhões de "eucalyptus" (IN Rodriguésia, Rio de Janeiro, Rev. do Jardim Botânico, ano V (14): 367-373, 1941. — SNA)
- 5) AMSHOFF, G-J. H. — Myrtaceae (IN Mededelingen, 79-93, 1940-43; 97-106, 1943) — SF
- 6) ANDRADE, Edmundo Navarro de — A cultura do eucalipto (IN Boletim de Agricultura, São Paulo (9-10): 28.ª série, 1927) — SNA
- 7) ANDRADE, Edmundo Navarro de — A cultura do eucalipto (IN Boletim de Agricultura, São Paulo: 606-633, 1927) — SNA
- 8) ANDRADE, Edmundo Navarro de — A cultura do eucalipto nos Estados Unidos. São Paulo, Typ. Brazil, 1910. 108 p. illus. — SIA
- 9) ANDRADE, Edmundo Navarro de — O eucalipto. São Paulo, Chácara e quintais, 1939. 124 p. illus. — SNA
- 10) ANDRADE, Edmundo Navarro de — O eucalipto... São Paulo, Chácara e quintais, 1949. 121 p. illus. — ENA
- 11) ANDRADE, Edmundo Navarro de — O eucalypto e suas aplicações. São Paulo, Directoria de publicidade, 1928. XVII, 143 p. illus. — SIA
- 12) ANDRADE, Edmundo Navarro de — Instrucciones para el cultivo del eucalypto. Buenos Aires, M. da agricultura y ganaderia. Publicacion miscelanea n. 382, 1954. 48 p. — SIA
- 13) ANDRADE, Edmundo Navarro de — Instruções para a cultura do eucalypto... São Paulo [Rev. dos Tribunais] 1936 — ENA
- 14) ANDRADE, Edmundo Navarro de — Manual do plantador de eucalyptos. São Paulo, Tip. Brasil, 1911. 343 p. illus. — SNA
- 15) ANDRADE, Edmundo Navarro de — Manual do plantador de eucalyptos. São Paulo, Tip. Brasil, 1911. 339 p. illus. — SNA
- 16) ANDRADE, Edmundo Navarro de — Uma praga do eucalypto (IN Chácara e quintais, São Paulo. 37(5): 463-65, 1928) — SNA
- 17) ANDRÉ, Edouard François — Eucalytus globulus... Paris, Lib. agrícola de la maison rustique, 14 p. illus. — BN
- 18) ARGENTINA. Dirección de agronomía, Departamento forestal — Forestacion mazanica, fabricacion de macetas de barro de crudo — [Buenos Aires] 1950. 28 p. illus. — BN
- 19) ARGENTINA, Dirección forestal. División de silvicultura — Instrucciones practicas para el cultivo del eucalypto... Buenos Aires, Dirección de Información, 1945. 15 p. illus. — BN
- 20) ARRUDA, S. C. — Observações sobre algumas doenças do eucalypto no Est. de São Paulo (IN O Biológico, São Paulo, Inst. Biológico, ano IX (6): 140-144, 1942. — BN
- 21) AZEVEDO, J. A. de — Eucalyptus globulus sua utilidade e cultura; apontamentos oferecidos à Associação brasileira de aclimação... Rio de Janeiro, Typ. Imperial Inst. artístico, 1873. 8 p. BN
- 22) AZEVEDO, Joaquim de — Eucalyptus globulus... Rio de Janeiro, Typ. do Imperial Inst. artístico, 1874. 39. — BN
- 23) BARBOSA, Oswaldo — O reflorestamento com eucalyptus (IN Anuário brasileiro de economia florestal, Rio de Janeiro, Instituto nac. do pinho, ano 7 (7): 63-67, 1954) — SNA
- 24) BARRETO, Antônio — A industrialização dos eucalyptos (IN Agronomia, Rio de Janeiro, Diretório acad. da Esc. nac. de agronomia, 1 (1): 5, 1941. — SIA
- 25) BARROS, Dirceu Paes de — Eucalyptos: coleção de eucalyptos do Horto Florestal de São Simão... São Paulo, Divisão de pub. agrícola, 1957. 5 p. — SIA
- 26) BARROS, Dirceu Paes de — Viveiros para

(*) Trabalho realizado pelas bibliotecárias da SNA, Cely de Souza Soares Pereira e Lygia de Lourdes Saide.

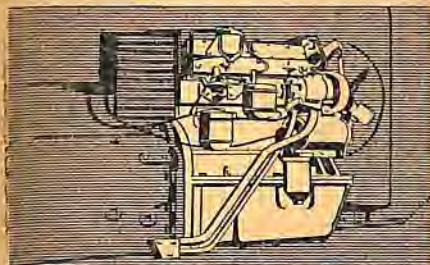
Conheça de perto o notável Trator

FORD

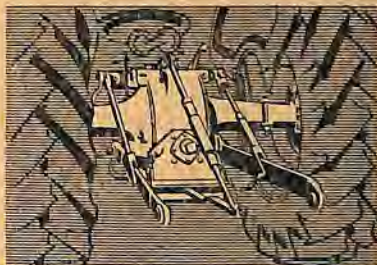
BRASILEIRO 8 BR DIESEL



O 1.º trator realmente fabricado no Brasil! Veja agora, no seu Revendedor Ford, o Trator 8 BR Diesel — fabricado especialmente para o Brasil. Examine V. mesmo tôdas as vantagens que fazem do Ford 8 BR Diesel um dos melhores tratores de todo o mundo!



56 HP a 2.200 RPM! 44 HP na barra de tração! Serviço pesado e contínuo, no solo mais duro que houver, nunca é problema para o Ford 8 BR Diesel!



Engate em 3 pontos com levantamento hidráulico, para qualquer implemento, poupando tempo, aumentando o rendimento diário.

Tomada de força no eixo traseiro, com 1.000 RPM.

V. encontra sempre peças e serviço para o seu Trator Ford 8 BR Diesel — o 1.º trator brasileiro — nos Revendedores Ford de todo o Brasil.



Mais um produto da **FORD MOTOR DO BRASIL S. A.** — pioneira na mecanização da agricultura!

- eucaliptos. São Paulo, Diretoria de publ. agrícola, 1957. SIA
- 27) BARROS, Wanderbilt Duarte de — O eucalipto, pioneiro da silvicultura no Brasil (IN *Anuário brasileiro de economia florestal*, Rio de Janeiro, Inst. nac. do pinho, ano 4 (4): 95-98, 1951. — SNA
 - 28) BAUCKE, Osvaldo — Bicho do cêsto em eucalipto (IN *Lav. arrozeira*, 12(137):173, maio 1958). — SNA
 - 29) BERTHERAND, Émile Louis — L'eucalyptus au point de vue de l'hygiène en Algérie... Alger, Typ. V. Aillaud, 1876. — BN
 - 30) BLAKELY, W F — Myrtaceae (IN *Proceedings of the Linnean Society* — N. S. Wales, v. 55, part. 5-1930: v. 62, part. 1-2, 1938; v. 61-62. — SF
 - 31) BRANDAO SOBRINHO, Júlio — Eucalyptus (IN *Boletim de agricultura de S. Paulo*, Campinas, Inst. agrônômico, 1901. — SNA
 - 32) BRASIL, Serviço de Estatística da Produção. Seção de publicidade. — Notas sobre a cultura dos eucaliptos. 4 p. — BN
 - 33) BRASIL, Serviço florestal. Reunião florestal do Itatiaia, 1957 — O consumo d'água dos eucaliptos... Rio de Janeiro, [Irmãos Di Giorgioli; 1957, 6 p. — ETA
 - 34) CAMPAGE, R H — Myrtaceae (IN *Proceedings of the Linnean Society* — N. S. Wales — v. 51, parte 3, 1926; v. 49/51. — SF
 - 35) CHEEL, E — Myrtaceae (IN *Proceedings of the Linnean Society* — N. S. Wales, v. 55, parte 1 — 1931. — SF
 - 36) CHILE, Ministerio de industria y obras publicas. Seccion de aguas y bosques — La caoba de las vegas, o eucalyptus robusta, por Frederico Albert... Santiago do Chile, Imp. Cervantes, 1907. 23 p. — BN
 - 37) COHEN, W. E. — Pasta e papel de eucaliptos (IN *Anuário brasileiro de economia florestal*, Rio de Janeiro, Inst. nac. do pinho, ano 4(4):185-195, 1951). — SNA
 - 38) COSSON, Ernest Saint Charles — Note sur l'acclimatation de l'eucalyptus globulus... [Paris, Imp. de E. Martinet] 5 p. — BN
 - 39) COSTA, Francisco Leite Alves — Plantação de eucalyptus no Morro Velho (IN *Boletim do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio*, Rio de Janeiro, Serv. de informações, ano VIII(3):77-80, 1919. — SNA
 - 40) COZZO, Domingo — Eucalyptus y Eucalyptotecnica... Buenos Aires. Lib. "El Ateneo Editorial" 393 p. illus. — SFSF
 - 41) CULTURA DA CANA DE ASSUCAR, DO EUCALIPTUS E DO LINHO (IN *Boletim de agricultura*, São Paulo, (6):172-173, 1919). SNA
 - 42) CULTURA DO EUCALIPTUS (IN *Boletim de agricultura*, São Paulo (4):307-308, 1918. SNA
 - 43) DE CANDOLLE, A. P. — Mémoire sur la famille des Myrtacées: 61, 22 gr. — SF
 - 44) EUCALIPTO — (IN *Boletim da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio*, Bahia, Serv. de divulgação, ano XLVIII (8):146, 1951. — SIA
 - 45) O EUCALIPTO — Mal com êle, pior sem êle (IN *Seleções agrícolas*, Rio de Janeiro, Ed. *Seleções agrícolas*, ano IV (39):74, 1949). — SNA
 - 46) O EUCALIPTO e as abelhas; com quatro espécies de eucaliptos obtém-se, o ano inteiro, floração para abelhas (IN *Seleções agrícolas*, Rio de Janeiro, Editora *Seleções agrícolas*, ano II (16):54, 1947). — SNA
 - 47) O EUCALIPTO nas zonas sub-tropicais (IN *Seleções agrícolas*, Rio de Janeiro, Ed. *Seleções agrícolas*, ano III(30):42, 1948). — SNA
 - 48) EUCALIPTUS. Quais as espécies preferidas? (IN *Seleções agrícolas*, Rio de Janeiro, Ed. *Seleções agrícolas*, ano I (4):41-42, 1946. — SNA
 - 49) EUCALIPTUS (IN Corrêa, M Pio, *Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*, Rio de Janeiro, M. da Agricultura, 2:614-635, 1931). SNA
 - 50) EUCALYPTO colossal (IN *Boletim de agricultura*, São Paulo, Diretoria de agricultura: 222-227, 1908). — SNA
 - 51) FONSECA, J. P. da — Ataques de cupins a plantações de eucalipto (IN *O Biológico*, São Paulo, Inst. biológico, ano VI (8):222-223, 1940). — SIA
 - 52) FRASER, L e Vickery, J — Myrtaceae (IN *Proceedings of the Linnean Society* — N. S. Wales, v. 62, parte 5-6, parte 1-2, 1939; v. 61-62, v. 63-65). — SF
 - 53) GOES, Ernesto — Os Eucaliptos em Portugal. Identificação e monografia de 90 espécies... Lisboa, M. da economia Secretaria de Estado da Agricultura, Direção geral dos serviços florestais e agrícolas, 1960. 298 p. illus. — SF
 - 54) GUBLER, Adolpho Marie — Sur l'eucalyptus globulus et son emploi thérapeutique... Paris, Typ. A. Henmynner, 1871. 31 p. — BN
 - 55) GUIMARAES, Rubens Foot — Ensaio de esparçamento em *Eucalyptus saligna*, sm. para produção de lenha. Rio Claro, Companhia paulista de estradas de ferro, 1956. 42 p. — IBBID
 - 56) GUIMARAES, Rubens Foot — Tratamento de sementes de eucalipto e seu efeito sobre o desenvolvimento das mudas (IN *Anuário brasileiro de economia florestal*, Rio de Janeiro, Inst. nac. do pinho, ano 7 (7):280-287, 1954). — SNA
 - 57) GUIMARAES, Rubens Foot e Gomes, Frederico Pimentel — Comportamento de espécies de eucalyptus em solo arenito pobre. Jundiaí, Companhia paulista de estradas de ferro, 1957. 38 p. — IBBID
 - 58) GURGEL, J T Amaral e J. Soubine Sobrinho — Poliembrionia em *Mirtáceas* frutíferas, *Bragantia*, Campinas, 11 (4/6): 141-163, abr./jun. 1951. — SNA
 - 59) GURGEL FILHO, O A — Nota prévia sobre a competição de espécies de eucaliptos para lenha. *Rev. de agricultura*, São Paulo, 31(2):83-84, jun. 1956. — SNA
 - 60) HERZOG, Wolfgang — Produção da lenha do eucalipto. *Rural*, 38(442):72-73, fev. 1958. — SNA
 - 61) INGHAM, Norman — Eucalyptus in Cali-

- fornia. California, Agricultural experiment station /s.d./ 141 p. illus. (California Agricultura (Experiment Station, Bulletin n. 196). — SIA
- 62) JOFFILY, José Maria — Ferrugem do eucalipto (IN Bragantia, Campinas, 4(8):475-487, 1944). — SNA
- 63) KIAERSKOU, H — Enumeratio myrtacearum brasiliensium Hauniae, 1893. — SF
- 64) KOSCINSKI, Mansueto Estanislau — O eucalipto... 2. ed. São Paulo, Melhoramentos s. d. 31 p. illus. (AEC do lavrador prático, n. 1). — SNA
- 65) LEINGRE — L'eucalyptus globulus Nancy, Bugar, Leurant, 1875, 19 p. — BN
- 66) LOPES, Luiz Simões — Instruções para a cultura dos eucalyptus. Rio de Janeiro, Serv. de inf. do M. da Agricultura, 1928, 45 p. — SIA
- 67) LOPES, Luiz Simões — Instruções para a cultura dos eucaliptos... Rio de Janeiro, Serv. de inf. agrícola, 1942, 26 p. illus. — SNA
- 68) LOPES, Luiz Simões — Instruções para a cultura dos eucaliptos... 4. ed. Rio de Janeiro, Serv. de inf. agrícola, 1948, 35 p. illus. — SIA
- 69) LOPES, Oscar — O eucalipto (IN Agro-nomia, Rio de Janeiro, 12(1):33-35, 1953). — SIA
- 70) LOPES, Oscar — O eucalipto. Boletim de agricultura (B. Horizonte) 6(11/12):55-58, nov./dez, 1957. — SNA
- 71) LOPES, Oscar — O eucalipto (IN Seleções agrícolas. Rio de Janeiro, ano VII(74):29, 1952). — SNA
- 72) LOPES, Oscar — O eucalipto e o melhora-mento das terras de pastagens (IN Ceres, Viçosa, 9(52):234-37, 1954). — SIA
- 73) MCCLATCHIE, Alfred James — Eucalypts cultivated in the United States... Washington, Govt. print. off., 1902, 106 p. illus. — SF
- 74) MAGALHÃES, Carlos Leôncio — As reservas florestais do mundo (IN Boletim do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, Rio de Janeiro ano XVI(2):248-257, 1957) — SNA
- 75) MARICONI, Francisco de Assis Menezes — Alguns bezouros depredadores de eucaliptos, na região de Piracicaba, O Biológico, 22(1):1-14, jan. 1956. — SNA
- 76) MATTOS, Horácio Peres Sampaio de — Estudos da ocorrência dos eucaliptos na Austrália. Arg. Serv. Florestal, Rio de Janeiro, 7:71-149, 1953. — SNA
- 77) MATTOS, Horácio Peres Sampaio de — O eucalipto na fabricação do papel. Rio de Janeiro, Serv. gráfico do IBGE, 1956, 26 p. illus. — SNA
- 78) MELLO, Heládio do Amaral — Nota prévia sobre a enxertia de borbolha em eucaliptos. Rev. de agricultura, São Paulo, 32(1):7-8, mar. 1957 — SNA
- 79) METCALF, Woodbridge — Growth of eucalyptus in California plantations. California, Univ. California publications, 1924, 59 p. illus. — SIA
- 80) MULLER, F — A descriptive atlas of the Eucalyptus of Australia and adjoining islands. Melbourne, 1879-1884. — SF
- 81) MYRTACEAE — (IN Flora of Suriname, Koninklijke vereniging Koloniaal Institut,



MÁQUINAS AGRÍCOLAS

- MOINHOS DESINTEGRADORES A MARTELOS
- MISTURADORES DE CARGA SUBTERRÂNEA
- PICADEIRAS DE FORRAGEM
- ARADOS E GRADES DE TRAÇÃO MECÂNICA
- ROÇADEIRAS DE PASTO
- PLAINAS TERRACEADORAS
- CARRETAS AGRÍCOLAS DE TODOS OS TIPOS
- DISTRIBUIDORES DE CALCÁRIO
- IMPLEMENTOS DE TRAÇÃO ANIMAL, EM GERAL

PRONTA ENTREGA ASSISTÊNCIA MECÂNICA

THELA COMERCIAL S. A.

FILIAL DO RIO DE JANEIRO

MATRIZ

Rua Mayrink Veiga, 31 - C. Postal 8466
Estado da Guanabara

Av. Duque de Caxias, 133 - 153
São Paulo - S.P.

- MED. 30 - Afd. 11 - v. 3, pt. 2-1951.) — SF
- 82) ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA ALIMENTAÇÃO E AGRICULTURA — El eucalipto en la repoblación forestal. Roma, 1956 431 p. — BN
- 83) OSBORN, G B — (IN *Proceedings of Linnean Society* — N. S. Wales, v. 62, part. 1-2, 1937; v. 61/62) — SF
- 84) OSSE, Laércio — Eucalipto e siderurgia... Rio de Janeiro — [Irmãos Di Giorgio] 1957. — ETA
- 85) PEREIRA, Lúcio Arce — El cultivo del eucalipto [La Paz, Servicio agrícola interamericano, 1955] — ETA
- 86) PESQUISAS sobre o eucalipto no reflorestamento (IN *Seleções agrícolas*, Rio de Janeiro, ano 111(29):47, 1948. — SNA
- 87) PINHEIRO, Jayme Vieira — Contribuição para o conhecimento de insetos eucaliptais no Brasil (IN *Anuário brasileiro de economia florestal*, Rio de Janeiro, ano 5(5): 330-339, 1952). — SNA
- 88) PITRIE, Arthur H K — Myrtaceae (IN *Proceedings of the Linnean Society* — N. S. Wales, v. 50, parte 2 — 1952). SF
- 89) POCHOU, J — L'influence de plantations d'eucalyptus au Maroc, sur la microflore et hummus du sol (IN *Annales de L'Institut Pasteur*, Paris, Masson et cie., 93(3): 403-406, 1959). — SIA
- 90) O PROBLEMA do reflorestamento: aproveitamento do eucalipto. (IN *Rev. Cons. Nat. Econ.* 42:23-28, nov./dez. 1956 [“1.ª Mesa Redonda Municipal realizada em 28 de novembro de 1956, em Jundiá, Estado de São Paulo”]) — SNA
- 91) RAMEL, P — Des eucalyptus envisagés au point de vue de la production du miel de la cire [Paris, Imp. Lefebvre, 1864?] — 4 p. — BN
- 92) RAMEL, P — L'eucalyptus globulus de Tasmanie (Tasmanian blue gum)... Alger, Imp. administrative Gojcsso, 1870, 10 p. — BN
- 93) REIS, BRENO G — O eucalipto no Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Secção de informações e publicidade agrícola, 1948, 23 p. ilus. (Série B) — SIA
- 94) RODRIGUES, J. Barbosa — Myrtacées du Paraguay. Recueillies par Émile Hassler et déterminées par J. Barbosa Rodrigues. Bruxelles, 1903, 20 p. est. — SF
- 95) ROMBOUSTS, João — Uma moléstia do “Eucalyptus” e da “Populus”, na Bahia, causada por “Corticium Salmonicolor” B. et Bred (IN *Rodriguesia*, Rio de Janeiro, ano II (7):301-305, 1936). — SNA
- 96) ROSCINSKI, Mansueto E — O eucalipto. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1949, 31 p. ilus. (ABC do lavrador prático). — SNA
- 97) SA, Cristovam Ferreira de — O Eucalipto e o reflorestamento do Brasil no Quadro da Natureza... São Paulo, 1952, 71 p. — SF
- 98) SAMPAIO, Armando Navarro — O aperfeiçoamento dos métodos da cultura do eucalipto no Serviço florestal da Cia. Paulista de E. de ferro... Campinas, Sec. paulista de agronomia, 1947, 27 p. ilus. (IN *Boletim n.º 1 da Sociedade paulista de agronomia*). — SNA
- 99) SAMPAIO, Armando Navarro — Aplicações da madeira de eucalipto (IN *Anuário Brasileiro de economia florestal*, Rio de Janeiro, ano 4(4): 79-94, 1951) — SNA
- 100) SAMPAIO, Armando Navarro — Os eucaliptos no reflorestamento do Brasil... Rio de Janeiro [Irmãos Di Giorgio, 1957] — ETA
- 101) SAMPAIO, Armando Navarro — Instruções para o plantio do eucalipto. Piracicaba, Typ. Jornal de Piracicaba, 1952, 25 p. ilus. — SIA
- 102) SAMPAIO, Armando Navarro — Viagem de estudos dos eucaliptos à Austrália (IN *Anuário brasileiro de economia florestal*, Rio de Janeiro, ano 5 (5): 97-111, 1952) — SNA
- 103) SOLIS, M. Acosta — El eucalipto en el Ecuador, 2. ed. Quito, Editorial Ecuador, 1949, 47 p. ilus. — SIA
- 104) TATTO, Lino — Instruções para a produção e plantio de mudas de eucalipto (IN *O Campo*, Rio de Janeiro, ano XVI (183): 25-29) — SNA
- 105) THE', Fausto Weimar Silva — Eucaliptos na cerca (IN *Chácara e quintais*, S. Paulo, 78(2): 213, ag. 1948) — SNA
- 106) VASCONCELOS, Philippe Westin Cabral de — Consorciação de Sequaragi e eucaliptos (IN *Anuário brasileiro de economia florestal*, Rio de Janeiro, ano 7 (7): 302-306, 1954) — SNA
- 107) VAUGHAN, Raimundo Bandeira de — Cultura do eucalipto; conselhos e comentários. São Paulo, Chácara e quintais, 1948, 18 p. ilus. (Vamos para o campo) — SIA
- 108) VAUGHAN, Raimundo Bandeira de — Eucaliptos na Divisa (IN *Chácara e quintais*, São Paulo, 77(5): 575, maio 1948) — SNA
- 109) VAUGHAN, Raimundo Bandeira de — Pau no fisco... e de eucalipto (IN *Seleções agrícolas*, Rio de Janeiro, ano II, (17): 57, 1947) — SNA
- 110) VAUGHAN, Raimundo Bandeira de — Respeitemos a velhice também dos Eucaliptos! (IN *Chácara e quintais*, São Paulo, 77(2): 164, fev. 1948) — SNA
- 111) VILLAÇA, Helena e Mário Guimarães Ferri — On the morphology of the stomata of *Eucalyptus tereticornis*. *Ouretea spectabilis* and *Cedrela fissilis*. *Bol. Fac. Fil. Cienc. e Let. Univ. S. Paulo*, 173. Botânica 11: 33-51, 1954 — IBBD
- 112) VILLAÇA, Helena e Mário Guimarães Ferri — Sobre a morfologia dos estômatos de *Eucalyptus tereticornis*, *Ouretea spectabilis* e *Cedrela fissilis*. *Cienc. e Cult.* São Paulo — 5(4): 211-212, dez. 1953 [Resumo de Comunicação e V Reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso das Ciências. Curitiba, 11-18, nov. 1953] IBBD
- 113) VILLAÇA, Helena e Mário Guimarães Ferri — Transpiração de *Eucalyptus tereticornis*. *Bol. Fac. Fil. Cienc. e Let. Univ. S. Paulo*, 173 Botânica 11: 3-29, 1954. — IBBD
- 114) ZON, Raphael — *Eucalyptus* in Florida by Raphaels Zon... and John M. Birscol... Washington, Govt. print. off., 1911, 47 p. ilus. — BN

invisível da indústria

a maquilagem

TALCO INDUSTRIAL



das minas da
Magnesita S. A. com
99,11% de talco puro.

uma indústria
a serviço da indústria

Magnesita S.A.

O talco entra na fabricação e acabamento de milhares de manufaturas: cosméticos, papel, tintas, cêra, vernizes, plásticos, porcelana, inseticidas e produtos farmacêuticos. Temos para pronta entrega o tipo de talco que a sua indústria precisa, com a qualidade e finura tecnicamente especificadas em laboratório.

Para maiores informações,
solicite o nosso folheto:
"É BRASILEIRO O MELHOR
TALCO DO MUNDO"

Endereço Telegráfico: MAGNESITA

RIO DE JANEIRO — Praça Pio X, 98 s/801/803
Tels. 43-3999 e 23-4751

BELO HORIZONTE — Av. Afonso Pena, 952, 3.º
C. P. 208 — Fábrica de Refratários: Cidade
Industrial - Tels. 2-4546 e 2-9851

SÃO PAULO — Talco-Repres.: Manoel Ozeirio
de Mello - Representações e Comércio Ltda.
Lgo. 7 de Setembro, 34 - 4.º andar - sala 1
Telefone 33-7704

Revista 58.01

AVICULTURA

A INDUSTRIALIZAÇÃO CONCORRE PARA MAIOR PRODUÇÃO AVÍCOLA

A criação de galinhas nos Estados Unidos concorre substancialmente para o abastecimento de suas cidades. O povo norte-americano consome cerca de 400 ovos por pessoa e por ano. A carne de aves alcança um consumo superior a 15 quilos, tam-

bém por pessoa e por ano. Para alcançar tal situação, os Estados Unidos orientaram os criadores no sentido de alimentarem racionalmente suas aves. E é graças ao regime a que estão submetidas que a produção de ovos atinge proporções de vulto, maior que em outro país do mundo. A alimentação, tanto das galinhas em postura como dos frangos de

corde, não constitui problema naquele país.

O avicultor, nos Estados Unidos, como regra, não fabrica rações. Ele as adquire prontas no mercado. Libertando-se, assim, do problema da aquisição de farelos de cereais (milho, trigo etc), das tortas, das farinhas de carne ou peixe, das vitaminas e sais minerais, e sua mistura conveniente. Transfere este problema e sua solução para as fábricas de rações, que representam, um fator de impulso à produção avícola.

A nossa produção também, por certo, se beneficiará quando o país tiver dotado de boas fábricas de rações, fiscalizadas ou controladas por órgãos técnicos. Alguma coisa já se tem feito neste sentido, mas ainda estamos longe do ideal. A lição americana aí está para ser apreendida: somente a especialização permite o progresso avícola. As fábricas de rações devem existir em benefício dos avicultores para que estes possam dedicar todo o seu tempo aos demais problemas técnicos das granjas.

Senhor Avicultor:

Somente a vacinação preventiva pode evitar que a Doença de New Castle acabe com as suas aves

Vacine já

VACINA NEWCASTLE RHODIA

- 1.º Máxima facilidade na vacinação: emprega-se simplesmente, na água de beber. Pode ser utilizada, também, em injeções intramusculares.
- 2.º Liofilizada (seca).
- 3.º De eficiência comprovada (testada rigorosamente antes de ser posta à venda).
- 4.º Não contamina.

... e lembre-se:

Qualidade também é Economia!

Peça folhetos e informações à

Cia. Química Rhodia Brasileira

Agência do Rio de Janeiro
AV. PRESIDENTE VARGAS, 309-5.º ANDAR
TEL. 52-9955 — CAIXA POSTAL 904
RIO DE JANEIRO



A marca de confiança

TAMBÉM A SERVIÇO DA PECUÁRIA

AVICULTURA FONTE DE PROTEÍNA

O fornecimento de proteínas de origem animal às populações humanas (carne, leite, gorduras e ovos) só pode ser assegurado na base de uma política de produção rápida dos alimentos que contenham aquelas substâncias. É lógico que as espécies de produção mais rápida tem a preferência não só para as soluções de emergência, como para as definitivas.

Um exemplo prático, neste sentido, é o que nos dá a Inglaterra, cuja área agricultável com possibilidades de exploração pecuária, mista, tem limitações já bastante conhecidas. Nas áreas limitadas, é preciso escolher, com segurança, as espécies animais que vão ser criadas, para não acarretar transtornos econômicos e deficiência no sistema geral de abastecimento. Atualmente, em virtude da política geral da agricultura inglesa, os criadores es-

tão criando um número cada vez maior de aves. As estatísticas revelam que o efetivo avícola de frangos e frangas de menos de seis meses aumentou de 59% em um ano; por outro lado, o rebanho bovino só teve um aumento de 3%, enquanto que o de suínos diminuía de 12%.

Em valor protéico, os ovos e as carnes de aves são iguais ou superiores aos alimentos de outras origens. Com relação, porém, ao tempo de produção, com o objetivo de fornecimento rápido de bons alimentos às cidades, sua superioridade não encontra similar. Por isto mesmo é que a avicultura está sendo incentivada em todos os países que apresentam problemas de abastecimento e alimentação de seus povos.

COMPLEMENTAÇÃO VITAMÍNICA PELO CONSUMO DE CARNE DE GALINHA

Evidentemente, não se pode considerar as carnes, em geral, como alimentos completos, em relação às vitaminas. Algumas destas substâncias, contudo, integram aquele alimento, qualquer que seja a espécie animal de que derivam. De modo geral, a vitamina A só é encontrada em quantidades regulares nas carnes de carneiro e cavalo; em quantidades médias, na carne de boi e de porco. As vitaminas C e D não são encontradas, praticamente. Já o chamado complexo B participa do valor alimentício das carnes de todas as espécies. Uma das mais ricas em niacina é a de galinha, possuindo 8,400 miligramas. Somente lhe são superiores a carne de coelho (natural) e as carnes de boi e de porco (quando industrializadas e desidratadas). Em condições naturais, isto é, como carnes de açougue, as suas quantidades de niacina são inferiores (boi magro — 5,500; vitela magra — 8,900; porco — 7,000). Quanto à tiamina, a carne de ave possui 85 microgramas, um pouco inferior às das demais es-

pécies; com relação, porém, à riboflavina, a quantidade citada pelos tratadistas é de 12 microgramas, apreciável em relação às de outras procedências. Sabendo-se que é a niacina uma das mais importantes integrantes do chamado complexo B, indispensável ao aproveitamento das gorduras, e muito estável, não eliminada pela cocção, compreende-se que a carne de aves, principalmente de galinhas, pode ser considerada como fornecedora daquela vitamina. As carências das vitaminas A, C e D são de mais fácil compensação através de outros alimentos. As carnes, particularmente as de galinhas, representam, quanto ao chamado complexo Z, um adjuvante valioso para a complementação diária das quantidades totais de vitaminas que devem estar incluídas nas refeições.



THUYA SIMÕES

Medicação preventiva e curativa das pipocas (ou caroços) dos pintos e aves adultas

A venda à

RUA DO MATOSO, 33 - RIO
Para o interior enviamos
pelo reembolso postal

avevita

Rações
balanceadas
e prensadas!



A MELHOR PARA A AVICULTURA

**Moinho
Fluminense S.A.**
fundada em 1887

RIO: RUA URUGUAIANA, 119 - LOJA - C. P. 1350 - TEL. 43-3906
S. PAULO: RUA BOA VISTA, 314 - 4º - C. P. 950 - TEL. 33-3164
B. HORIZONTE: AV. DOS ANDRADAS, 841 - C. P. 143 - TEL. 8-9292
CAMPINAS: REP. MERCANTIL TREMARGO - R. DUQUE DE CAXIAS, 183
e na sua cidade, procure o nosso representante

Div. Licor 9.37

Kó - Kó-Ró-Kó

CORIZA

GOSMA

E

GOGO

MODO DE USAR



Aves adultas: de 2 a 3 colheres de sopa no bebedouro como preventivo — Para aves pequenas a metade da dose. — Nos casos mais graves aplique diretamente no bico uma colher de café, de Kó-Kó-Ró-Kó — Registrado no DDSA 6929/58.

PAULO STEFANINI

Indústria de Produtos Agro-Pecuários

RUA DO MATOSO, 246-A — TELEFONE: 34-7367

RIO DE JANEIRO — ESTADO DA GUANABARA

VANTAGENS DO ESTERCO DE AVES

As nossas terras cansadas podem recuperar a vitalidade agrícola através da prática intensiva da adubação e outras medidas de defesa da fertilidade do solo. O exemplo de São Paulo restaurando seus cafezais em zonas que já tinham abandonado esta cultura, é muito evidente. A adubação com o esterco de galinhas garantiu o êxito desta recuperação. Outras são, também, beneficiadas com o esterco das aves, pois este adubo orgânico é muito superior ao de outros. Basta referir que ele é 4 vezes mais rico que o estrume de curral. O esterco das aves ativa, fortemente, a ação das bactérias do solo, em virtude da ação de microelementos presentes na sua composição, os quais derivam da alimentação balanceada que as aves, em geral, são submetidas. Aí está o segredo do grande valor deste adubo, embora outras causas, como a secreção de enzimas e a "forte" descamiação epitelial do intestino das aves" sejam outros fatores bióticos para estimular a proliferação das bactérias do solo.

Os lavradores devem, na defesa de suas terras, tornar-se, também, avicultores. Terão, assim, excepcional adubo para garantir fartas colheitas, como ainda ovos e carnes para sua alimentação ou fornecimento às cidades, o que permitirá maior rendimento econômico de sua atividade agrícola.

OS SEGREDOS DE UM BOM CHURRASCO DE FRANGO

O hábito de comer "churrasco" de frango já se vai difundindo por todas as camadas sociais, inclusive nas grandes cidades, onde as churrasqueiras elétricas foram introduzidas (Rio, São Paulo etc.) A preparação de um bom churrasco, apetitoso, não é fácil, principalmente nos grandes restaurantes e casas que não podem usar o carvão como fonte de calor. O primeiro segredo de um bom churrasco é, exatamente, este: carvão. Mas, como diz o ditado: quem não tem cão, caça com gato; não tendo carvão, a eletricidade pode servir... O outro segredo, que deriva do primeiro, logicamente, é o cozimento lento. Churrasco preparado "depressa" não é lá muito bom. Os tempos recomendados, pelos especialistas, são os seguintes: 55 minutos para cada metade do frango de meio quilo; se a metade for de 700 gramas, mais 7 minutos. Aí está um outro segredo re-

velado: é sempre melhor churrasquear os frangos pela metade. E finalmente, o último segredo, que é de grande valor: o molho. Depois de limpas, as metades devem ficar imersas em molho alguns minutos (quanto mais tempo, melhor).

Quando vão para a grelha, são pinceladas a cada viragem, de 5 em 5 minutos. Um detalhe: o molho deve ficar ao lado da churrasqueira, para que esteja ligeiramente aquecido.

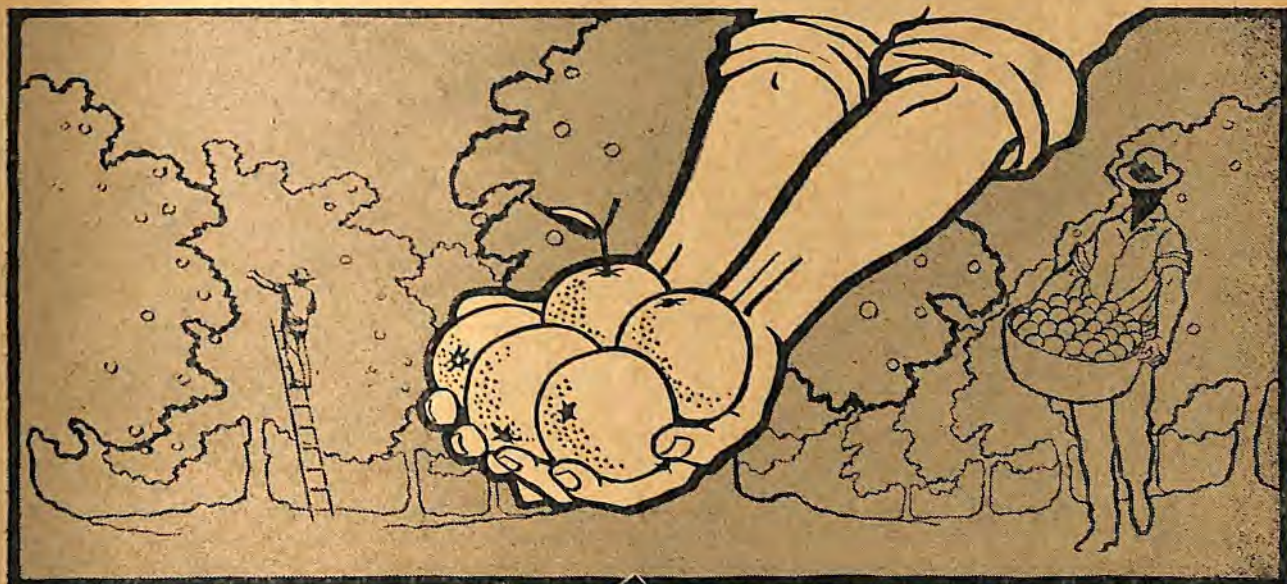
Existem muitas receitas para o molho e é lógico que cada churrasqueiro tem seus segredos, para acertar o gosto final. Aqui vai uma receita que dá um sabor especial ao churrasco de frango: a meio litro de água, junta-se um litro de vinagre de primeira; aquece-se e se juntam 250 gramas de boa manteiga, uma colher de sopa de sal e molho-inglês até o ponto picante; ajuda-se este ponto com algumas folhas de louro, cebolinha picada e um bocadinho de salsa. Quem gostar de "churrasco bem forte", em lugar de molho inglês, pode utilizar pimenta curtida.

A Lavoura

a mais antiga revista agrícola em circulação no Brasil



BONS FRUTOS... MAIORES LUCROS... com



MULSÓLEO 85

- o inseticida emulsionável, especialmente indicado para combater as cochonilhas e outros insetos, nos laranjais, árvores frutíferas, cafêzais, etc.

Obtenha mais e melhores frutos das suas árvores frutíferas e cafêzais com **Mulsóleo 85**.

Criado e testado pelo Centro Esso de Pesquisa, o **Mulsóleo 85** é um inseticida de contato, à base de óleo mineral, especialmente indicado para eliminar as cochonilhas e outros insetos que prejudicam laranjais, outras árvores frutíferas, cafêzais, etc.

Mulsóleo 85 não é venenoso e pode ser misturado com outros inseticidas e fungicidas, constituindo excelente "adesivo" para pós molháveis. **Mulsóleo 85** é aplicado com pulverizadores comuns e assegura a máxima proteção às suas plantações.

Para consultas, dirija-se à Esso Brasileira de Petróleo

Rio: Av. Presidente Vargas, 409
S. Paulo: Rua Pedro Américo, 68
Recife: Rua do Sol, 143
ou o endereço Esso mais próximo.

MULSÓLEO 85



Maiores safras... melhores frutos com os Produtos Esso para a Agricultura



Vista geral da fábrica dos produtos Nestlé em Barra Mansa (Estado do Rio). Foi construída em 1936.

NESTLÉ: — 40 ANOS ESTIMULANDO A PECUÁRIA LEITEIRA

Em todos os lares do Brasil, todos conhecem o nome NESTLÉ como marca de alimentos de qualidade garantida. Tão grande confiança — sem dúvida, o maior laurel de qualquer empresa possa orgulhar-se — foi conseguida mercê do admirável trabalho que Produtos Nestlé desenvolveram em prol de nossa alimentação, nestes 40 anos que agora estão completando. Tendo iniciado suas atividades em Araras (1921), hoje Produtos Nestlé contribuem decisivamente para o desenvolvimento de numerosos ramos de nossas atividades, como sejam a indústria açucareira, a indústria madeireira, a indústria do aço, a indústria de papel, as companhias de transporte, os produtores de cacau e cereais e os milhares de seus revendedores.

Nestlé e os Fornecedores de Leite

Dentre suas atividades contendo, há de se destacar o enorme estímulo que proporcionam aos produtores de leite. As fábricas dos Produtos Nestlé, atualmente seis, fixam-se nas zonas agro-pecuárias com os olhos voltados para os rebanhos. Assim, a área de influência dessa indústria abrange uma superfície calculada em ... 65.100 km². Para canalizar às fábricas o leite de tão vasta região, contam com uma frota de mais de 200 veículos e dispõem de 20 Postos de Recepção, nos quais o leite já é analisado. Isso, para o fazendeiro, é de grande significado, pela colocação certa de todo o leite produzido (em 1960, foram adquiridos 230 milhões de litros).

Mas há ainda que se men-

cionar um empreendimento de profunda repercussão: a "Assistência Nestlé aos Produtores de Leite" (ANPL) — serviço a cargo de veterinários e agrônomos, que visitam as fazendas, levando ensinamentos e técnicas modernas ao homem do campo. Nesse sentido, mudas de capim, indicadas para cada clima e tipo de gado são fornecidas e plantadas; silos e instruções específicas sobre silagem passam a valorizar o patrimônio do fazendeiro: o gado é tratado e vacinado contra doenças e epidemias; os problemas atinentes à produção leiteira merecem atenção especial, dando-se orientação sobre a ordenha, higiene e cuidados com o leite, sua manutenção e transporte. Enfim, todas e quaisquer dúvidas do fazendeiro são resolvidas prontamente. E assim, incentivando a pecuária, a agricultura, o comércio e a indústria e fabricando produtos da mais alta qualidade, que os Produtos Nestlé marcam sua presença no Brasil de hoje.

COOPERATIVISMO RURAL

SEGUNDA REUNIAO TÉCNICA LATINO-AMERICANA

Um temário de sete pontos foi discutido no México pela Segunda Reunião Latino Americana de Cooperação Rural. Delegados de sete países da parte norte do continente reuniram-se em sessões durante treze dias, englobando, finalmente, suas conclusões e recomendações, e um relatório que foi aprovado unanimemente ao encerrar-se o conclave, na segunda quinzena de outubro último. Colaboraram nas deliberações, representantes da FAO, da OIT e da OEA, assim como de outros organismos cooperativos internacionais.

A agenda provisória constava de seis pontos, a saber: O Estado e o Cooperativismo; Contribuição das Cooperativas para o Desenvolvimento Rural; Intercâmbio Cooperativo com fins Econômicos; Cooperativas Artesanais; Problemas de Financiamento; e Educação Cooperativa. Ao aprovar o temário, acrescentou-se um sétimo ponto: — A Reforma Agrária Integral e o Cooperativismo, cuja discussão conduziu ao que se convencionou chamar de "Declaração do México", sobre cooperativas rurais, crédito supervisionado e desenvolvimento de comunidades, em que se precisa o conceito de reforma agrária integral e se expressa o papel que podem desempenhar as cooperativas, canalizando os serviços complementares, racionalizando o uso da terra e tornando possível o amplo emprego da técnica nas práticas rurais.

Estiveram presentes delegações da Colômbia, El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua e Venezuela e atuaram no certame como assessores técnicos, representantes da FAO, da OIT, e da OEA, entidades que, juntamente com o Governo do México, patrocinaram esta Segunda Reunião Técnica Latino Americana de Cooperação Rural. A

Confederação de Cooperativas das Caraíbas, o Departamento de Extensão Mundial da Associação Nacional de Unões de Crédito e a Aliança Cooperativa Internacional enviaram observadores que participaram muito ativamente dos debates, eram presentes organismos como a CEPAL, o CREFAL, o

22022

adubo é "Riqueza" para sua lavoura

GANHE MAIS ADUBANDO MELHOR

O solo esgota-se gradativamente com as sucessivas colheitas. Adubações periódicas e bem dosadas revitalizam e enriquecem sua lavoura. Adube melhor e ganhe mais, utilizando os fertilizantes "RIQUEZA" — fórmulas completas para qualquer tipo de cultura ou em elementos simples para suprir as necessidades do solo e das diversas culturas. Consulte nosso especializado corpo de técnicos para solução de qualquer dos problemas de sua lavoura.

FÓRMULAS COMPLETAS "RIQUEZA"

Passamos fórmulas completas que atendem plenamente às necessidades do solo e das diversas culturas para uma excelente produção.

ELEMENTOS SIMPLES:

Salitre do Chile • Sulfato de amônio • Uréia • Superfosfato simples • Superfosfato triplo • Fosfato de Olinda • Cloreto de Potássio • Sulfato de Potássio.



CIA. INDUSTRIAL MERCANTIL E ADMINISTRATIVA
Divisão de Fertilizantes

Matriz: Rio de Janeiro - Av. Rio Branco, 103-7.º - Tels. 43-2540 e 43-0870, r. 15
- C. Postal 575 - End. Tel. "SAICIMA"

Filial: São Paulo - Rua XV de Novembro, 200 - 10.º andar - Tel. 37-4229 -
C. Postal 4677 - End. Tel. "SAICIMA"

Banco Internacional, a F. I. P. A., etc., o que torna particularmente autorizado o relatório final desta Reunião Técnica.

A LAVOURA

a mais antiga revista

agrícola em circulação

no Brasil.



PROBLEMAS DE PESCA NO MAR DO NORTE

por DR. P. KORRINGS
Biólogo holandês.

Nossos antepassados jamais souberam dar a devida consideração à riqueza dos mares. Pescavam nas regiões costeiras e julgavam que as mesmas condições de pesca eram encontradas em toda a vasta extensão de água que cobre o globo inteiro. Mais tarde, porém, verificaram que freqüentemente, as águas pouco profundas das regiões costeiras continham muito mais peixes que os oceanos e que os peixes não estavam, de modo algum, divididos igualmente por todas as águas. Em resumo: chegaram à conclusão de que cardumes de certas espécies de peixes viviam, habitualmente, numa área muito mais limitada do que poderiam viver. O esgotamento prematuro desses recursos naturais não era, e não é, apenas fruto da imaginação, e, à medida que as técnicas da pesca vão se aperfeiçoando, expressões como "pesca excessiva" e "proteção dos peixes" vão se tornando banais.

Evidentemente, não estamos querendo dizer que haja perigo de serem extintas certas espécies de peixe de grande importância comercial. A expressão "pesca excessiva" tem um caráter mais econômico. De fato, essa maneira de pescar constitui uma maneira pouco eficiente de administrar os bens que nos forem doados pela Natureza. A exploração desses recursos deverá ser feita de maneira saudável, para assegurar um rendimento máximo, sem pôr em risco as possibilidades futuras.

Podemos falar de "pesca excessiva" quando são pescados peixes jovens em excesso. Passa muito tempo antes que o aumento da duração da vida do peixe seja compensado pela mortalidade natural. No Mar do Norte, isso aconteceu por diversas vezes. Podemos comprovar o fato com os dados relativos aos resultados da

pesca, durante várias décadas. O fato é que, nos períodos que se seguiram imediatamente às duas guerras mundiais, foram pescados peixes muito maiores de certas variedades que nos períodos que precederam imediatamente às guerras. O fato é de fácil explicação, pois, durante as hostilidades, era muito perigoso para os pescadores afastarem-se das águas costeiras. E constitui fato digno de nota a constatação de que, presentemente, o tamanho médio dos peixes de muitas variedades de grande procura e a quantidade total do seu abastecimento estão decrescendo de novo, sem sombra de dúvida.

Tal fato não implica, necessariamente, a conclusão de que o declínio temporário da proliferação de certas espécies seja o responsável. Vejamos um exemplo: depois de 1950, a pesca de sôlha no Mar do Norte apresentou um rendimento sem precedentes. Pesquisas científicas, contudo, revelaram que estavam sendo pescadas sôlhas em excesso, que as riquezas naturais não estavam sendo bem administradas. O motivo disso era o fato de terem surgido circunstâncias particularmente favoráveis, tais como temperaturas elevadas durante a desova e crescimento dos peixes, com o conseqüente aumento dos cardumes.

A Holanda não é o único país interessado na exploração eficiente dos recursos de pesca do Mar do Norte. Os outros países banhados por esse mar têm o mesmo interesse e vêm discutindo, em seu conjunto, as medidas que devem ser tomadas para tal fim. Em 1946, foi firmada a "Convenção de Pesca Excessiva", estabelecendo os tamanhos mínimos que podiam ser pescados de cada espécie de peixe. Tratava-se, sem dúvida, de um passo de grande importância na direção correta.

Essas medidas de proteção deram aos peixes jovens maiores possibilidades de crescer, embora tais vantagens pudessem ser anuladas, se os pescadores tratassem de fazer pescarias mais intensas e mais freqüentes. E, assim, a exploração eficiente dos recursos de pesca do Mar do Norte exige medidas cada vez de maior alcance, inclusive certas restrições a respeito da extensão da pesca.

Outro aspecto que poderia ser estudado seria a conveniência do fechamento dos pontos de desova e especialmente do ponto onde se criam os peixes jovens. Isso seria de importância particular para proteger as espécies de arenque. Sem dúvida, seria extremamente difícil baixar regulamentos relativos a um mar onde qualquer país tem o direito de pescar. Assim, o acordo sobre as restrições a ser impostas à pesca deveria ter caráter voluntário.

Até recentemente, julgava-se que a noção de "pesca excessiva" não se aplicava necessariamente ao arenque, pois essa espécie de peixe tem um período de crescimento relativamente curto e um índice elevado de mortalidade natural.

Técnicos de todas as nações interessadas estão convencidos de que o modo mais eficiente de resolver os problemas acabará assegurando produtividade mais elevada e melhores resultados financeiros. É grato, pois, saber que no começo deste ano chegou-se a um acordo sobre o texto de nova convenção, uma espécie de "constituição" para a pesca no Atlântico Nordeste. Essa constituição poderá servir de base a inúmeros regulamentos técnicos, mas será difícil às diversas nações chegar a um acordo sobre medidas emanadas dessa constituição, uma vez que os interesses desses países são, com freqüência, opostos. E ainda terão de ser resolvidos muitos problemas jurídicos antes dos pescadores ficarem em condições de lançar suas redes de consciência limpa.

CENTRO SOCIAL DE CAMPO GRANDE



Durante a sessão inaugural do Centro Social de Campo Grande, pioneiro de uma série de outros que serão implantados em vários pontos da zona rural da Guanabara em virtude de Convênio entre o C. R. do S.S.R. local e o Governo do Estado, foi batida a foto acima. Nela aparecem, de pé, o Dr. Romeu Loures, Administrador Regional de Campo Grande; à sua direita, o Sr. Flávio da Costa Brito, Presidente do C.R. do S. S. R.; o Sr. Abel de Almeida, representante da classe rural no mesmo Conselho; à direita, o Sr. Roberto Sanchez, representante do Presidente do Conselho Nacional; o Sr. Luiz Marques Poliano, Secretário Geral da Sociedade Nacional de Agricultura; finalmente, o Sr. Juvenal Azevedo, Executor do Convênio.

A LIÇÃO DE UM CENTENÁRIO

EDGARD TEIXEIRA LEITE

Ao se celebrar o Centenário da criação do Ministério da Agricultura vale ressaltar as muitas restrições a sua atuação e examinar a sua procedência. Na solenidade da inauguração, as próprias classes mais diretamente interessadas, pela palavra de sua entidade máxima, a Confederação Rural Brasileira, ao pôr em evidência os incontestáveis e valiosos serviços por ele prestados deixou em termos muito claros a necessidade de uma participação mais efetiva e eficientemente no aprimoramento da produção primária. Vale recordar que o centenário de "criação" não significam cem anos de "funcionamento". Datando de 1860, extinto em 1892, tendo apenas funcionado cerca de 30 anos, no período imperial, sendo pois restabelecido em 1910, por Nilo Peçanha, tem exatamente apenas cinquenta anos de existência na era republicana.

Depois de 17 anos de ausência dos quadros administrativos do país, iria arcar com a imensa responsabilidade de preparar o seu próprio instrumental, quando foi restaurado num país praticamente sem profissionais de agronomia e medicina veterinária.

Sofreu as inevitáveis contingências de uma fase de improvisações de toda ordem, de grandes erros, de medidas ineficientes e inadequadas — com muitas falhas e poucos acertos, pois não havia no Brasil, como se disse, material humano capaz de fazer movimentar os seus laboratórios, as suas estações experimentais, as cátedras de suas escolas, realizar trabalhos de fomento em contacto com os lavradores, tendo sido recrutados elementos nem sempre os mais idôneos, muitos de atividades inteiramente alheias aos problemas da terra e que eram, no conceito de

Calógeras, que presidiu o Ministério, "verdadeiros naufragos de todas as profissões". Em torno disso constituiu um rico anedotário que circula em todo o país e de que Monteiro Lobato estigmatizou em páginas inesquecíveis e que é insistentemente citado como representando a realidade atual. Nada menos exato. O problema de então, era como o de um hospital fundado numa região, onde não houvesse nem médico nem enfermeiros, funcionando como elementos improvisados ao sabor das circunstâncias.

Mas esta fase está superada. Organizadas escolas de agricultura e de medicina veterinária, começou a surgir o material humano de primeira ordem, que pode assegurar o funcionamento do Ministério da Agricultura em padrões técnicos científicos do mais alto nível.

O risco de hoje é de outra ordem e que vale mencionar com toda clareza. É o esvaziamento do Ministério de seus quadros técnicos, por outros órgãos que remunerando melhor, estão lhe fazendo terrível concorrência no mercado de trabalho, com a criação de serviços paralelos, autarquias, órgãos para-estatais, objetivando os mesmos fins, lavrando a mesma seara.

É preciso pois que se reformule corajosamente a política de agricultura nacional. Que se dê um balanço rigoroso e exato desta situação e se ponha em seus devidos termos o problema, e sobretudo que se entregue, as alavancas do comando desta política ao Ministério da Agricultura, dotando-o, ordem orçamentária, mas da de recursos, não apenas de indispensável autoridade, para que possa assumir de fato a realização da urgente tarefa que lhe cabe realizar.

Nada melhor, para isso

que o ano do Centenário da sua criação e de seu cinquentenário de funcionamento na era republicana. Já temos uma valiosa experiência colhida nestes cinquenta anos de atividade, para que se possa traçar com segurança as diretrizes e bases para a política agrícola brasileira.

Numa época tão decisiva para o Brasil em que o desenvolvimento se situa entre os grandes problemas da nacionalidade, é indispensável que os nossos homens responsáveis — os do Governo e das suas classes produtoras — meditem sobre três questões fundamentais da nossa economia: o da alimentação de 70 milhões de bocas, que antes do fim do século serão 120 milhões numa população que cresce de 2 milhões por ano e aumenta não só suas exigências quantitativas mas também qualitativas, no da obtenção de matérias primas, essenciais para suprimento de nosso crescente parque industrial para que não seja tolhida sua expansão e finalmente a criação de um mercado interno, grande e rico, consumidor da produção industrial e que só pode ser alcançado com a melhoria das condições de vida das populações rurais.

Esta "revolução" dará ao desenvolvimento econômico do país um passo decisivo, e indispensável, pois não pode continuar a se alargar o fosso que separa cada dia mais as regiões urbanas e as regiões rurais, com tremendos desníveis de vida, que se manifestam pela inquietação de suas populações, acumulando problemas sociais de extrema gravidade, que eclodem, de vez em quando, em signos precursores de imprevisível desfecho.

Estamos numa hora crucial de transição, da passagem de uma agricultura extensiva, de largo emprêgo de esforço muscular do homem, da qual a enxada e o fogo são símbolos — para uma agricultura intensiva, em que a técnica, sob a forma

de métodos e de máquinas, de processos racionais, de irrigação, de largo emprego de fertilizantes, e caracterizando a transformação de uma agricultura de trabalho, para uma agricultura de capital.

Esta renovação terá, como bases principais, a pesquisa e a experimentação, entendidas no seu mais amplo sentido, de um lado, e, de outro lado a educação agrícola compreendida nos seus mais variados escalões, dada particular ênfase à técnica das massas rurais, levantando o nível profissional de milhões de nossos rurícolas — num decidido esforço da modernização agrícola do país.

Vale insistir também que qualquer remodelação do Ministério não se pode restringir a uma simples modificação dos quadros administrativos. Ela deve ser feita em função da política agrícola que se trace para o país, de modo a torná-lo o órgão executor desta política.

Também não adianta aumentar recursos financeiros, com largas dotações orçamentárias sem que ele disponha de quadros técnicos capazes de aplicá-los com eficiência. E, a base está na melhor remuneração dos profissionais de várias categorias que terão de realizá-la.

Disso resultou, como foi dito o esvaziamento do Ministério, não apenas em função, mas sobretudo em autoridade. É preciso enquadrar todos estes órgãos dispersos como acaba de ser feito para o Ministério da Indústria e do Comércio — na área do Ministério da Agricultura. Não se trata de centralização ou de extingui-los: apenas transferir numerosos comandos, dispersos, que não raro agem contraditoriamente, a um comando central capaz de realizar uma "política" para a agricultura nacional.



econômicos,
eficientes...
duram muito
mais!

DESINTEGRADORES

CASE

a martelos de rotação rápida

É o melhor para sua fazenda, granja, fábrica ou indústria. Construído em dois modelos - H-10-B de 15 a 20 HP e H-14-B de 20 a 23 HP - tritura, mói, desintegra alfafa, feno, bagaço e póipa de cana, milho em espiga (com ou sem palha), milho em grão, palha e casca de arroz, mandioca, café etc. Peneiras com diferentes medidas de furos (de 1/32" até 2"), conforme o material moído. Dependendo do material, a capacidade de produção horária do desintegrador Case, funcionando com peneiras de 1/4", varia entre 440 e 1.670 quilos.

FATORES DE MAIOR RENDIMENTO

- Mesa de fácil alcance e grande alimentação.
- Moagem rápida, calha aperfeiçoada
- Ventilador poderoso, coletor-ciclone
- Mancais de rolamentos especiais
- Mate-

rial sólido que assegura muitos anos de uso.

MOINHOS DESINTEGRADORES

a martelos rotativos e com ensacadores.

Modelos H-10-B e M-14-B

Pólia de 9 cm (3 1/2"). 3.000 a 3.400 RPM.



Distribuidores Exclusivos para o Estado da Guanabara, Estado do Rio, Espírito Santo, Minas Gerais (exceto Triângulo Mineiro)

Agentes nas principais cidades

G E O V I A — Comércio e Engenharia S/A

Rio: Av. Venezuela, 27 - s/208-210 - Tel. 43-6329

B. Horizonte: Rua Tamoios, 924 - Tel. 2-8248

BILHETE COOPERATIVISTA

OSOINO TAVARES

Quem por esse Brasil, de norte a sul, não conhece Fábio Luz Filho? É o grande líder dos postulados cooperativistas. Um apóstolo também. Não cede um milímetro em desprimor dos ideais que abraçou. Luta pela aplicação correta e lisa dos princípios da grande doutrina. É um encanto o contacto directo com esse provecto brasileiro que, agora, o espantilhoso da aposentadoria afastou daquela surrada cadeia giratória, diante de um velho e arcaico "bureau", no Serviço de Economia Rural. O mundo cooperativista de nossa Pátria já conhecia o temperamento do mestre. Casos encenecados, difíceis? Lá vinha de longas plagas, de caminhão, ônibus ou trem, o diretor comercial ou o presidente da Cooperativa. Os novatos, acanhados, vacilantes, pensavam em penetrar naquele recinto, dirigido por Fábio Luz Filho, donde emana para as 6.690 cooperativas e diretrizes para a solução de seus problemas. Muitos julgavam encontrar um estufado, orgulhoso, pedante. Mas defrontavam, surpresos, a doçura, a bondade, o cavalheirismo e a sabedoria. E a palavra de ordem de Fábio Luz Filho fortaleceu não sei quantas estruturas de cooperativas

condenadas ao desmoronamento.

Fábio Luiz Filho retirou-se, há dias, tristonho, para o que levava toda tarde, de seu subúrbio distante. É regresso ao santo lar, a impressão imorredoura dos casos e problemas de suas filhas diletas — essas 6.000 Cooperativas que representam a sementeira para o maior esplendor de uma Pátria. Viveu cerca de 40 anos, a trepidação de um velho ideal. Apaixonou-se por ele e sua inteligência luminosa irradiou-se, como um clarão bendito, através das maravilhosas páginas dos numerosos livros que são hoje o patrimônio do Brasil. Fábio Luz Filho, essa jóia de saber e bondade, tem seu nome projetado além das fronteiras deste país. Alguns livros seus — relíquias de sábios ensinamentos — foram traduzidos em edições especiais.

Soube, contristado, de um acidente com o provecto mestre. Ao atravessar uma rua — talvez com o pensamento voltado para uma Cooperativa — sofreu um forte esbarro de um loteação, sendo jogado ao chão. Acha-se em restabelecimento do choque recebido. Fábio Luz Filho precisa recuperar, rápido, sua saúde. Vamos, Cooperativistas existentes nas

Estâncias de Água do Sul do Estado, promover uma conspiração? Vamos raptar, com cuidado, sem alarde o grande mestre para uma temporada de repouso. Passará com seus familiares por exemplo, 15 dias em Cambuquira e mais 15 dias em Camxambú? E Araxá? Estou vendo que o querido mestre será intimado a cortar, até o fim do ano, as relações com a Cidade Maravilhosa... Minas Gerais com suas montanhas e cordilheiras terá a honra insigne de agasalhar, durante uma temporada, quem tudo deu em período tão longo de trabalho, dedicação tão extremada em prol da irradiação em solo pátrio de uma doutrina que tem suas raízes estendidas por quase todas as nações do universo.

Alô, Alô, presidentes e diretores comerciais das Cooperativas sediadas no Sul de Minas. Eis o endereço do iustre mestre que sempre soube dar, nos seus ensinamentos e conselhos, somas de entusiasmo às entidades cooperativas da velha Província de Minas Gerais — Rua José do Patrocínio, 390 — Grajaú — Rio de Janeiro — (Estado da Guanabara). Desejo também, se possível, que qualquer gesto nobre neste sentido seja comunicado por esta Secção — Bilhete Cooperativista — que a Direção da querida "Folha de Minas" vem agasalhando tão carinhosamente em página destacada.



TERRAS no planalto de MATO GROSSO

Vendemos na mais próspera Colonia Agrícola
GLEBA ARINOS

Terras férteis e virgens com muita madeira de lei e boas aguadas ou com grandes culturas de seringueiras enxertadas, cacau, café, pimenta, cravo, chá, baunilha, castanhas, mamona, cana, fumo, amendoim, feijões, cereais, frutas, legumes etc. Há escolas, igrejas, hospital, hotel, serrarias, oficinas, moinhos, farmácia, força e luz, criação de gado, leiteiro, suínos, aves etc. Transp. rodov. aéreo e fluvial. Assist. tecn. moderna. Damos escrit. def. imediata. Também formamos seringais, pastag. etc. e administr. Inf. docum. plantas mapas, fotos etc. direto na

CONOMALI

Av. Pres. Vargas, 417 A sala 1105

NOVOS TÉCNICOS EM HORTICULTURA

Realizou-se, no dia 25 de Novembro, na sede da Escola de Horticultura Wenceslão Bello, a solenidade de conclusão de curso dos diplomandos de 1961, abrangendo quinze técnicos em horticultura, fruticultura e floricultura.

A sessão teve início às dezesseis horas, no auditório da Escola, sob a presidência do Diretor, Professor Geraldo Goulart da Silveira, tomando assento na mesa, o paraninfo, Dr. Edgard Teixeira Leite, Vice-Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, o Dr. Flávio da Costa Brito, Presidente do Conselho Regional do Serviço Social Rural do Estado da Guanabara, o Sr. Luiz Marques Poliano, Secretário Geral da Sociedade Nacional de Agricultura, D. Clara Magarinos Torres, esposa do patrono da turma, o saudoso Prof. Arthur Torres Filho, Mr. Merrill Assay, representante do Co-Diretor Americano do Escritório Técnico de Agricultura Brasil-Estados Unidos, Dr. Lincoln Rodrigues, representante do Co-Diretor Brasileiro do ETA, Dr. Angelo Pinheiro, representante do Diretor do Centro Cooperativo de Treinamento Agrícola e o Prof. Subael Magalhães da Silva, representante dos professores da Escola.

Ao ato compareceram todos os professores, elevado número de pais, parentes e amigos dos diplomandos.

Após a leitura do termo de formatura, pelo Diretor da Escola, foram distribuídos os diplomas aos concluintes, e dada a palavra ao orador da turma, Geraldo Gonçalves Barbosa, cujo discurso foi muito aplaudido.

Usou da palavra, a seguir, o paraninfo, Dr. Edgard Teixeira Leite, ilustre homem público e ruralista, que fez um oportuno e brilhante discurso.

A cada um dos diplomandos, ofereceu a direção da Escola um presente, em colaboração com o Serviço de Informação Agrícola.

Usaram da palavra, ainda, durante a solenidade, o Sr. Luiz Marques Poliano, Executor do Convênio entre o Conselho Regional do Serviço Social Rural do Estado da Guanabara, a Sociedade Nacional de Agricultura e a Campanha Nacional de Educação Rural e o Diretor da Escola, Prof. Geraldo Goulart da Silveira que em nome da direção e do corpo docente congratulou-se com os diplomandos.

Foram os seguintes os homenageados pelos diplomandos de 1961, da Escola de Horticultura Wenceslão Bello: —

Patrono: Professor Arthur Torres Filho.

Homenagem de honra: Dr. Luiz Simões Lopes — Presidente da S.N.A.

Paraninfo: Dr. Edgard Teixeira Leite — Vice-Presidente da S.N.A.

Homenagens Especiais: Dr. Flávio da Costa Brito — Presidente do CR-GB do SSR, Dr. Luiz Marques Poliano — Executor do Convênio CR-SNA-CNER.

Homenagens da Turma: Diretor da E.H.W.B.: Eng.º

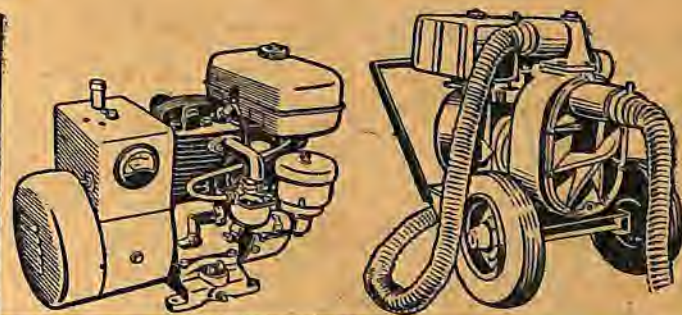
Ag.º Geraldo Goulart da Silveira.

Profes. da E.H.W.B.: Engs. Agr.ºs Dario Sampaio Cruz, Helio Raposo, Jalmiréz Guimarães Gomes, Ney Brandão, Pedro Pais de Barros, Subael Magalhães da Silva e Merrill Asay. Contador: Pedro Goulart da Silveira Filho. Hort.: Agrícola Castello Borges. Ass. da E.H.W.B.: Hort.: André da Silva Neto, João Nunes Castello, Diretor do CCTA Eng.º Renato de Almeida Xavier, Prof. do CCTA: Eng. Agr.º Angelo dos Santos Pinheiro, Prof. Aloisio Cardoso Garcez.

Diplomandos: Geraldo Gonçalves Barbosa (orador); Ahyr Delicio Mozer; Alcimar da Silva Ramos; Alvim Barbosa Monteiro; Aroldo de Souza Santos; Erasmo Berger; Hamilton Burato; Herbert Kuster; José Afonso Ribamar Osório Lopes; José Sanceler Corrêa; Jordão Rodrigues Pereira; Jurandir Julião Rispoli; José Roberto Spitz; Pedro Ivo Batista e Sérgio Borges.

Após a solenidade ofereceu a direção da Escola um lanche aos convidados.

Releva salientar que muitos pais dos diplomandos vieram do interior para prestigiar a solenidade realizada no tradicional estabelecimento de ensino mantido na Penha, pela Sociedade Nacional de Agricultura.



BOMBAS EM GERAL

MOTORES A GASOLINA-GERADORES DE LUZ E FORÇA

COCITO IRMÃOS TÉCNICA E COMERCIAL S.A.

RIO — Rua Mayrink Veiga, 31-A — Tel.: 43-6055

O ASSOCIATIVISMO NA COLONIZAÇÃO

NEY BRANDÃO
Eng.º Agr.º

O homem rural brasileiro, por decorrência e consequência de seu processo cultural, é impregnadamente anti-social. Participa ao mínimo das atividades de seu grupo de vizinhança; tem apenas os contactos absolutamente indispensáveis à sua sobrevivência. É preciso convir que não são apenas responsáveis pela situação os aspectos sociológicos e também psicológicos de sua educação; interferem drasticamente as condições ambientais e nelas, com principal ênfase, o acesso, aos transportes e a densidade demográfica. Se é esta a situação, urge um encaminhamento para uma solução adequada, que possibilite e traga a necessidade e o hábito de uma maior convivência social.

Necessidade e hábito porque o homem é cada vez mais, um produto e consequência da coletividade. Os programas de colonização sustentados pelo poder público ou pela iniciativa particular, não têm reconhecimento ou consideração, em seus

planejamentos de ação, a importância de atividades executivas que, através dos recursos da dinamização de grupos, organização e desenvolvimento de comunidades, extensão rural, entre outras, tragam o progressivo e contínuo aperfeiçoamento do agricultor, valorizando-o como ativo componente de uma sociedade em organização.

Para a constituição e dinamização de grupos, destacam-se como técnicas e processos modernos e práticos, os referentes ao associativismo rural. Até o momento, as circunstâncias estruturais têm limitado o movimento associativista aqueles agricultores que, embora, pelo gênero de suas atividades possam ser considerados como colonos, não estão subordinados ou orientados por uma administração central e além do mais, não se localizam dentro de áreas com características que as possam definir como núcleos ou colônias. Mas o movimento associativista dia após dia se afirma e se alastra dentro

da população rural, definindo e dando expressão pública à laboriosa e sempre esquecida classe rural. E a esta classe rural pertencem, o que não pode me absolutamente merecer qualquer contestação, os agricultores que estejam vinculados aos programas colonizadores.

Devem portanto, ser estabelecidas entre as empresas de colonização e a Confederação Rural Brasileira, com a necessária orientação do poder público, efetivas relações de trabalho e supervisão, que se consubstanciem em projetos locais que venham possibilitar não só a adesão dos colonos às "as sociações ou núcleos rurais" existentes nas respectivas regiões, como também a fundação e funcionamento de outras. A consequente união dos colonos assim conseguida dará condições e recursos mais favoráveis ao seu desenvolvimento sócio-econômico através das vantagens que a entidade de classe possibilita, não só pela sua própria estrutura, como também por representar uma base física que atrairá pelo seu prestígio e utilidade, a colaboração e ajuda de instituições outras que têm programas no meio rural, como por exemplo as que se dedicam ao crédito rural, saúde e saneamento, educação de base, etc..



111 ANOS DE EXPERIENCIA
NO CULTIVO DE SEMENTES
1850 - 1961

Sementes de	Hortaliças
"	" Flores
"	" Forrageiras
"	" Grama
Bulbos	" Palmas

Importadora
L. Daehnfeldt, Ltda.



Fazendo como eu...
faras o certo!!!

Av. Barão de Tefé, 7 - Grupo 301/302 - Caixa Postal 1141
Fones 23-0467 - 43-2183 - End. Telegráfico: DAEHNFELDT
Rio de Janeiro Estado da Guanabara

À CLASSE RURAL

TEMAS E SUGESTÕES

ARRUDA CÂMARA

— 307 —

MANIÇOBA

Segundo o professor Renato Braga PLANTAS DO NORDESTE, ESPECIALMENTE DO CEARÁ) são os MANIÇOBAS — denominações comuns às eufórcias, — gênero *MANIHOT*, — produtores de borracha.

São mais conhecidas a *Manihot Glaziovii*, Muel. (Maniçoba do Ceará, também conhecida por Maniçoba Verdadeira), *manihot piuhyensis*, Uue. (Maniçoba do Piauí), *Manihot micodendro*, Ule. (Maniçoba rasfeira, também conhecida por Maniçobinha), todas fornecedoras de borracha.

As três variedades fornecem folhas apreciadas para o consumo como ensopado.

A maniçoba verdadeira ou do Ceará cresce até vinte metros de altura, tronco roxo denegrido, ramificado a partir do seu último terço.

Folhas palmadas ovais, glabras, com cinco estrias. Sementes brilhantes, duras, amarelas, pintadas de castanho.

Planta rica em latex, cujo produto se tornou conhecido como borracha do Ceará. Madeira leve e porosa, indicada para cachoteria e para tamancos. As rasas das raízes, secas ao sol, constituem alimento para o gado leiteiro.

A maniçoba do Piauí alcança até 6 metros de altura com tronco castanho-escuro. Folhas obovais regulares verde-claro ou verde-escuras. Cápsulas ovoide globulosa, de arestas salientes. Sementes ovais achatadas, pardo-escuras e castanhas.

A maniçoba rasteira é pequena arvoreta até 2 metros de altura. Folhas palmadas, verde-escura na face superior e verde-claro na face inferior. Cápsula de 30 a 40 mm de comprimento só-

bre 34-38 mm de largura, gomos arredondados. Sementes castanho-cinzentas claro ocorre no Piauí, Bahia e Goiás.

Com a crise na produção de borracha é aconselhável aumentar as plantações sobretudo da variedade da verdadeira.

— 308 —

OITICICA

A oitica *Licania rigida* Benth. (*Pleuraginia umbrosissima* Ar. Cam.) da família das Rosáceas. Atinge até 15 metros de altura e o seu tronco grosso ramifica-se a pouca distância do solo, formando aprazível copa de 15-20 m. de circunferência. Folhas alternas pecioladas e com nervuras bem pronunciadas, medindo 12 cm de comprimento por 6 cm de largura. Flores de 3 cm de diâmetro, amarelas, ovadas, espigas ramosas. Fruto drupáceo, fusiforme ou ovalado, de 2,5-7,5 cm. de comprimento, com caroço envolto em massa amarelada, rala, de cheiro pouco agradável e fibrosa. A casca do fruto é verde, mesmo quando maduro, mas se torna amarelo-escuro quando seca. Árvore magestosa no porte, cresce nos aluviões dos rios e riachos formando longas e estreitas alamedas à ourela dos barrancos, manchando do verde-escuro da sua folhagem de ramagem densa as várzeas. Com seus ramos forma sombra permanente. Na frente das casas formam-se latadas. As folhas extremamente rígidas e coriáceas, prestam-se para polir artefatos de chifre. O seu valor em tintas e vernizes resulta de sua riqueza em óleo (60%). O óleo é secativo. Uma oitica produz 75 kg. de frutos secos, e tem-se registrado exemplos de até

1.500 kg. por árvore em algumas safras. Produz do Piauí até a Bahia.

— 309 —

CARÁS

São designados por esse nome e seus compostos os carás (caranambú, caratinga, etc.). Ascendem a centenas de plantas indígenas da família, sendo conhecidas como *Dioscorea* e *Inhame*.

Entre as primeiras citaremos as seguintes:

Dioscorea altissima, Lamb. (*D. alata* variedade *altissima* Griseb. *D. candroecarpa*, Griseb., *Simulax acuminata* Wild.) Trepadeira grande, glabrosa, caules fortes e grossos, quadrangulares, mais ou menos alados (alas pecioladas, pecíolos às vezes armados). Folhas longo-pecioladas, acuminadas, alternas, raramente subopostas, lâmina ovalada ou orbicular, acuminada na base, até 18 cts. de largura e 24 cts. de comprimento, membranosas, densamente pontuadas com linhas pelúcidas na página inferior; flores solitárias, sésseis, aproximadas; inflorescência masculina em espigas solitárias; fruto cápsula oblonga, glabra, cartilaginosa de 3 cts. de comprimento e 15 mm. de diâmetro. Ocorre no Rio de Janeiro e Paraná.

Dioscorea amazonum Griseb. (*D. elegantula* Kunth, *D. megaliobotrya* Kunth, *D. surinamensis* Mey.) Planta arbustiva de caule cilíndrico e glabro; folhas variáveis, pecioladas, as superiores elíptico-cordiformes, até 12 cts. de comprimento, quando adultas maiores e subcordiformes-arredondadas, agudas e acuminadas, 7-nervadas, sendo salientes as nervuras da página inferior, glabras; flores solitárias, carnosas, as masculinas dispostas em panículas compostas mais ou menos de 30 cts., as femininas dispostas em espigas simples, raramente compostas. Desta espécie, cuja distribuição geográfica se estende desde as Guianas ao Ceará, há no norte do Brasil as seguintes variedades: — *Bucheti* Uline (*D. amazonum* variedade

longepetiolata Uline, de fô-lhas ovadas truncadocor-diformes ou largo-ncisadas na base, peciolo mais comprido, membranosos; *consanguinea* Uline (*D. cuspidata* Klut-zech, *Helmita consanguinea*, Kuth); *robustior* Uline, de caule mais forte e fôlhas ri-gido-coriáceas, largamente hastado-cordiformes e com os lobos arredondados; *Sprucei* Kunth de fôlhas basila-res hastado-cordiformes com os lobos obtusos, ricimos mais compridos e flôres me-nores.

Dioscorea anomala Griseb. (*Helmia anomala* Kunth.). Planta glabra, de caule lizo e pequeno, até 30 cts. de al-tura, comprimido e angulo-so; fôlhas aproximadas, curto-pecioladas, lâmina li-near-lanceolada, até 7 cts. de comprimento e 7 mm. de largura, mucronada, rígida, 3-nervadas, puntada na pá-gina superior e saliente-ner-vada na inferior; flôres cur-tíssima-pedicelladas dispos-tas em rácimos terminais compostos, 2-5 fasciculados. Ocorre no Estado de Minas Gerais.

Dioscorea aspera Humb. e Bonpl. (*D. scabra* variedade *aspera* Kunth *D. multiflora* variedade *aspericaulis* Uline, *Hernia spera* Kunth). Espécie idêntica à *D. scabra* Humb. e Bonpl., da Vene-zuela.

Dioscorea bahianensis Kunth. Trepadeira glabra de fôlhas alternas, pecioladas, lâmina de 6 cts. de compri-mento e 15 mm. de largura, lanceolada, 5-nervadas, flô-res dispostas em espigas de 20 cts. longo-pedunculadas; fruto cápsula arredondada de 12 mm. de comprimento e 10 mm. de largura. Semen-tes aladas de 3-4 mm. Ocor-re na Bahia e Minas Ge-rais, onde lhe dão o nome de *herva de fôlhas miudas*.

Dioscorea catharinensis Knuth. Planta glabra de caule cilíndrico-anguloso, sublenhoso, com tubérculos esparsos; fôlhas grosso-pecioladas, lâmina ovada, arredondada na base, acumi-nada no ápice, 5-nervadas, até 10 cts. de comprimento 6 cts. de largura rígida sa-liente-nervada na página in-ferior; flôres sésseis, solitá-rias pálidas, dispostas em

Adubos



fortificam
as terras
fracas

CADAL

RIO

Dep. Prop. CADAL

UMA FÓRMULA PARA CADA CULTURA - SOLICITE FOLHETOS E INFORMAÇÕES. GRATUITAMENTE

CADAL

CIA. INDUSTRIAL DE SABÃO E ADUBOS

Agentes exclusivos do Salitre do Chile para os Estados da Guanabara, do Rio e Espírito Santo

Rua México, 111 — 12.º andar (Sede própria)

Caixa Postal, 875 — Telefone: 31-1850-rêde interna

espigas compostas. Ocorre nos Estados de São Paulo e de Santa Catarina.

Dioscorea ceratandra Uline. Planta completamente glabra e de caules finos e cilíndricos; fôlhas pecioladas, limbo ovado-deltóideo, acumina-dos, largo-cordifor-mes na base, até 5 cts. de comprimento e 4 cts. de lar-gura, inteiras ou obscura-mente sinuadas, membranc-sas, 7-nervadas; flôres de perianto campanulado, 6 es-tames, sendo 3 férteis, reuni-dos 2-3 em glomérulos. Es-pécie conhecida no litoral de São Paulo e da ilha dos Alcantrazes.

Dioscorea corumbensis Knuth. Trepadeira de caule fino e frágil, sulcado e com diminutos tubérculos; fôlhas alternas, distanciadas de 5-8 cts., pecioladas, lâmina ova-do-arredondada, aguda e abruptamente contraída no ápice, mais ou menos retusa na base, 7-nervada papirá-cea; flôres solitárias nume-rosas, sésseis, dispostas em espigas de 10 cts. de com-primento. Ocorre no Estado de Mato Grosso.

Dioscorea curytibensis Knuth. Trepadeira peque-na até 3 metros de altura, caule fino, completamente glabra; fôlhas alternas dis-tanciadas, pecioladas (pecíolo

de 2 cts.), lâmina triquetra-cordiforme, aguda no ápice e incisada na base, inteira, 7-nervadas; flôres dispostas em espigas simples de 6 cts., solitárias. Ocorre no Estado do Paraná.

Dioscorea cuyabensis Knuth. Planta de caules finos, quase trepadeira, completamente glabra; flôlhas alternas, distanciadas de 6-10 cts., pecioladas, lâmina 3-lobada, lobo médio lanciolado, macronado, 3 nervado e lóbo laterais auriculiformes, contraídos na base, salientes-nervados na página inferior; flôres sésseis, solitárias, reunidas em espigas simples de 4-9 cts., solitárias ou aglomeradas. Ocorre no Estado de Mato Grosso.

Dioscorea cynachofolia Griseb. Trepadeira glabra de caule filiforme, cilíndrico, frágéis e lisos, desenvolvendo-se para a direita; flôlhas pecioladas (pecíolo de 1 ct.), ovado-oblongos ou ovado-cordiformes, acuminadas, sinu-deitoideo-incisados na base, até 5 cts. de comprimento e 25 mm. de largura, membranosas, 7-nervadas, luzidias na página inferior; espigas masculinas simples, de 12 cts. de comprimento e flôres carnosas, de 6 estames férteis; espigas femininas de metade do tamanho e flôres pendulas; frutos cápsula luzidia, pálido-escuro, de 12 mm;

sementes arredondadas, aladas. Ocorre no Estado da Guanabara e no Estado de Minas Gerais.

Dioscorea debiles Uline. Planta herbácea, glabra até 25 cts. de altura; caule filiforme, frágéis, cilíndricos; flôlhas dimorfas, esparsas, poucas, as basilares longo-pecioladas, arredondadas-cordiformes ou orbicular-cordadas na base, até 14 mm. de diâmetro, 9-nervadas; flôlhas superiores curto-pecioladas, linear-lanceoladas, cordiformes na base, até 15 mm. de comprimento, 3-5 ráculos masculinos especiformes, de 5-7 cts. de comprimento, simples ou pouco ramosos; flôres quase sésseis, esverdeadas, formando glomérulo; fruto cápsula. Tem a variedade *sagittifolia*, de maior porte, flôlhas menores e cápsula orbicular de 5 mm. de diâmetro. Ocorre no Estado de Minas Gerais.

Dioscorea deflexa Griseb. Planta de caule glabro, liso e sub-cilíndrico; flôlhas alternas pecioladas (pecíolos de 2 cts.), lâminas oblongo-elípticas, acuminadas aos dois lados e atenuada na base, até 75 mm. de comprimento e 25 mm. de largura, 5-nervadas, membrana glabra na página superior e tomentosa na inferior, saliente-senervada; espigas femininas simples, geminadas; ovário fusiforme. Ocorre no

Estado de Minas Gerais.

Dioscorea delicada Knuth. Trepadeira de caule muito fino e levemente anguloso e pubescente; flôlhas alternas, pecioladas, geralmente distanciadas 10-13 cts.; lâmina glabra, de 10 cts. de comprimento e 4 cts. de largura, cordiforme-incisada na base, 7-nervada in flor escência masculina auxiliar, de 15 cts., flôres pediceladas, de perianto globoso-campanulado. Ocorre no Estado de São Paulo.

Dioscorea fluminensis Knuth. Planta glabra, caules delicados, cilíndricos, às vezes sulcados e sempre com insignificantes tubérculos esparsos; flôlhas pecioladas, triangular-lanceoladas, agudas-acuminadas, incisadas, arredondadas na base, lóbos mais ou menos abertos 7-nervadas e com minúsculas glândulas na página inferior; flôres reunidas em glomérulos, esses dispostos em espigas de 6-12 cts.; fruta cápsula pálida, de 13 mm., contendo sementes castanhas, aladas de 6 mm. Ocorre no Estado do Rio de Janeiro. (1).

— 310 —

FEIJÃO FRADINHO

O feijão fradinho *Vigna sinensis* Endl. variedade *monachalis* Dolichos mona-



CUPIM

GARANTIA DE 8 ANOS

Rugani & Cia. Ltda.

SERVIÇOS EXECUTADOS COM INSETICIDAS "IPIRANGA"

contra insetos e ratos

RUA SÃO JOSE, 90-S/1.205 Telefones 22-3289 e 22-0873

ORÇAMENTOS SEM COMPROMISSO



chalis Brot.? (D. Oleraceus Schum.) leguminosa erecta, volúvel, de porte idêntico às da espécie tipo, vagens finas, compridas, carnosas, tenras e sementes sub-reniformes, brancas ou amarello-pálido com hilo branco orlado de preto. Distinguem-se duas sub-variantes, uma de flores lilás e outras de flores violáceas com o vexillo amarelo. As sementes são bastantes cultivadas do Rio de Janeiro para o Norte, principalmente no Estado da Bahia. Comem-nas ensopadas, ou como saladas. São indispensáveis no preparo do "acarajé" — prato afro-bahiano. Analisado no Instituto Agrônomo de Campinas foi a seguinte sua composição: 24,13 e 27,73 de matéria azotada, 1,50 e 1,71 de matéria graxa, 53,84 e 60,78 de matéria não azotada, 5,30 e 6,1 de matéria mineral, encontrando-se nessa ácido salicílico e areia, 34,72 de ácido fosfórico. O teor em azoto eleva-se a 4,436 e a água, na substância úmida, a 11,90. No pitoresco banquete a São Cosme e São Damião usa-se azeite de dendê. (Do VOLUME II DO DICCIONÁRIO DAS PLANTAS ÚTEIS).

— 311 —

FRUTA DE PAPAGAIO

Manieta luteo-rubra Benth. (M. Bicolor Fazt), da da Família das Rubiáceas. Trepadeira sublenhosa de ramos compridos e finos; folhas opostas, subsésseis, lanceoladas ou oblongo-lanceoladas, agudas até 5 cms.

- (1) Extraímos do DICCIONÁRIO DAS PLANTAS ÚTEIS, de Pio Correa; tendo falecido o naturalista Pio Correa (1934) continuou a obra o naturalista Leonam de Azevedo Pena a partir do Volume III.

de comprimento e 2 cms. de largura, um pouco glaucas, pubescentes na página inferior; flores opostas com folhas pedunculadas exteriormente tomentosas, tubu-

losas, vermelhas desde a base até quase ao meio do tubo floral de 2 cms., ou pouco mais, intumescido na base; cálice curtíssimo, campanulado; fruto cápsula bilobada, seca, contendo muitas sementes. Planta ornamental cultivada em numerosos jardins e bem assim nas estufas da Europa, onde foi introduzida em 1841, e desde então sempre muito apreciada. É melífera e diz-se que os papagaios comem os frutos. Encontra-se rasteiras ou antes prostrada nos campos de Minas Gerais, Rio de Janeiro até Santa Catarina.

— 312 —

CÃO CARLIM

Entre os cães Carlino (francês), Carlino (italiano), Mops (alemão), Pug-dog (inglês), figura:

Apreciação geral: — o Carlino, também chamado Carlindogue, tem o aspecto de um buldogue lilliputeano. A sua face achatada com máscara negra e seus grandes olhos redondos dão-lhe ar original. É um cão pouco afetuosos, de grandes olhos redondos, inteligência mediocre e assás resinguento. Além destes poucos recomendáveis dotes, o Carlino, por mais cuidado que mereça a sua *toilette*, apresenta sempre uma morrinha bem desagradável.

Origens — Entendem os cinólogos que o Carlino é um buldogue anão ou antes um mastim, cujo nanismo foi provocado por determinados meios. Esta versão não parece corresponder à verdade. Cornevim tem-no como originário da China, onde sua representação é encontrada na cerâmica, quer chinesa quer nipônica. Uma coisa averiguada é que na Europa foi introduzido na Holanda, daí passando à Inglaterra, onde ganhou as graças reais. Na França também se tornou benquista das damas e a marquesa de Pompadour o introduziu na corte.

Batizaram-no com o nome de Carlino, porque o seu focinho lembrava a máscara de Carlino, o então vulgari-

zado arlequim da comédia italiana. A moda de Carlino foie fêmera e hoje somente gosa de maior estima na Inglaterra e na Alemanha.

Caracteres essenciais: — Raça concavilínea. Aspecto geral: o de um cão forte, atarracado e musculoso. *Talhe:* Altura até a cernelha, 30 a 35 cms. *Peso:* entre 2 quilos e 700 grs. e 450 quilos.

Cabeça e pescoço — *Cabeça:* Redonda, maciça. *Crânio:* largo. *Orelhas:* pequenas, macias ao tato. *Rocinho:* curto, quadrado. *Máscara:* muito negra. *Rugas:* largas e profundas. *Pescoço:* curto. *Corpo:* curto, largo, bem atarracado. *Cauda:* em trompa sobre o dorso, trazida alto.

Pernas e pés — *Pernas:* fortes, direitas de tamanho médio. *Pés:* de bom tamanho, nem compridos nem redondos.

Pelagem — *Pelo:* curto, espesso, macio ao tato. *Côr:* fulvo ou aro, tirante a café com leite. *Cabeça:* máscara negra bem traçada. *Cauda:* da mesma cor que o corpo com uma linha escura. *Membros:* da mesma cor que o corpo.

NOTA: — Cruzando-se o Carlino com o Buldogue obtém-se um Carlino de pernas arqueadas, de 43 cms. de talhe, tipo cão de guarda, excelente, porém de mãos instintos. Cruzando-se um Carlino com Terrier obtém-se um cão muito vivo e forte.

Outrora acasalava-se o Carlino com o Espanhol de pequeno porte chamado cão de Alicante que possuía a conformação do Carlino e os pelos anelados do Espagneul. Bufond considerava o cão Alicante como um mestiço do Dogue e do Espagneul anão.

Conclusão: Transcrevemos de Eurico Santos (MANUAL DO AMADOR DE CÃES). Respondemos a uma consulta que nos mandaram da Região Nordeste, precisamente do Estado do Maranhão.

— 313 —

CHÁ

O Dr. Pimentel Gomes pu-



HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO
VEM A NOSSA FIRMA
FORNECENDO BÔAS
MUDAS DE

Plantas Frutíferas e Ornamentais

FOLHETOS GRATIS — ORÇAMENTOS SEM
COMPROMISSO

Dierberger Agrícola Ltda.

Fazenda Citra

Cx Postal 48 — fone 1121 — Telg "DIERCO"
LIMEIRA — Est. de São Paulo

blicou no CORREIO DA MANHÃ, (27.7.1961), as seguintes notas sobre o CHÁ, que pedimos licença para transcrever:

"O chá-da-índia, como é conhecida entre nós a "Camellia Thea Link", floresce nas zonas de elevada pluviosidade das regiões tropicais e subtropicais, exigindo para o seu perfeito desenvolvimento uma constante adubação azotada e podas periódicas. É uma cultura típica das áreas onde a oferta de mão-de obra é abundante e barata, o que explica a sua concentração no Extremo Oriente. No seu estado silvestre atinge mais de 15 metros de altura, porém, quando cultivado, raramente excede de 3 metros.

Segundo De Candolle, o Chá é originário das regiões montanhosas que separam a Índia das planícies da China, onde a sua cultura vem sendo feita há mais de 4.600 anos. Entretanto, foi

somente no século XVII que o chá se tornou conhecido dos europeus. Em 1618 a China estabeleceu contatos comerciais com a Rússia, e o chá foi introduzido neste país, generalizando-se de pronto o seu consumo. No mesmo século os holandeses levaram para a Europa algumas mudas colhidas na ilha de Java, que foram estudadas pelos naturalistas e mantidas em herbários. Mas, somente na segunda metade do século XVIII e no século XIX foi que o consumo do chá se generalizou pelo mundo ocidental.

Até o último quartel do século passado a China foi a principal, ou praticamente a única, supridora dos mercados ocidentais. Esta posição vantajosa foi se deteriorando a partir do momento em que os ingleses decidiram plantar o chá nas suas colônias asiáticas, primeiro na Índia com as mudas silvestres que cresciam livre-

mente em Assã e, mais tarde, no Ceilão, quando as plantações de café que aí proliferavam foram dizimadas pela praga. As exportações chinesas que alcançaram 295 milhões de libras em 1886 caíram para cerca de 80 milhões nos anos que antecederam à Segunda Guerra Mundial.

O chá, muito mais do que o café ou o cacau, tem suas raízes históricas solidamente plantadas na antiguidade; o que explica a relativa idade dos processos de cultivo, apesar das mudanças profundas verificadas no mecanismo de comercialização do produto, oriundas da expansão do consumo e, sobretudo, da Segunda Guerra Mundial e suas implicações de ordem política.

Embora os métodos de cultura variem amplamente de um país para o outro (na China e no Japão prevalece o tipo de cultura intensiva de responsabilidade das aldeias, enquanto na Índia, Paquistão, Indonésia e Ceilão a cultura obedece a técnica das "plantations"), pode-se dizer que o cultivo nos países produtores de chá-prêto é mais adiantado do que naqueles produtores de chá-verde.

Os diferentes tipos de chá postos no mercado (verde, prêto e "oolong") se distinguem apenas pelo tipo de beneficiamento. Assim no chá-verde as folhas são queimadas logo após a colheita para evitar qualquer fermentação possível; no "oolong" já se verifica alguma fermentação e finalmente no chá-prêto as folhas são deixadas fermentar antes de serem secas.

A infusão de chá possui inúmeras qualidades medicinais, das quais as principais são a de facilitar a atividade cerebral, acelerar a circulação sanguínea e a de auxiliar a digestão.

As sementes desta planta, quando completamente secas, contêm cerca de 19% de um óleo amarelo, não secativo, de sabor mais ou menos acre, que serve de sucedâneo do óleo de oliva, além de ser aplicável de

produção de sabões finos. Convém notar, entretanto, que o óleo de chá, normalmente encontrado no mercado, não provém da espécie que aqui se estuda e sim da "Thea Sarangua Nois", que o fornece numa proporção de aproximadamente 60%, associado a uma saponina tóxica que o torna um excelente adubo e exterminador de minhocas, mas o inutiliza para o consumo humano e animal.

Em 1959, a produção mundial de chá foi de 565 mil t. métricas, das quais cerca de 80% proveio da Ásia, através dos seus principais produtores, Índia e Ceilão, seguida da África com 6%, sendo o principal produtor nesta área a colônia inglesa de Niassalândia.

O chá foi introduzido no Brasil em 1812, com sementes trazidas e oferecidas a D. João VI por Luís de Abreu, um ex-prisioneiro das tropas napoleônicas. Dois anos mais tarde foram feitas algumas plantações experimentais no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, de onde saíram as sementes e mudas que deram origem às plantações fluminenses, mineiras e paulistas.

Na Exposição Internacional de Viena de 1873 o chá brasileiro foi classificado logo abaixo do chinês e acima do hindu.

Apesar do entusiasmo inicial, a cultura do chá foi sendo relegada a um segundo plano à medida que o café crescia de importância, roubando-lhe não somente atenções, como também braços e capital.

Com as dificuldades de suprimento ocasionadas pela Segunda Guerra Mundial, a produção brasileira de chá ganhou impulso, e atualmente supre inteiramente as necessidades do consumo interno, liberado mesmo cerca de 20% que se destinam aos mercados vizinhos, especialmente o argentino, e esporadicamente ao mercado americano. Em 1960, segundo o SEP, a nossa produção foi de 4.066 t de chá beneficiado, na sua quase totalidade proveniente de São Paulo.

(Correio da Manhã, 2 de Julho de 1961).

ASSOCIATIVISMO RURAL

NOVA DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO RURAL DE BLUMENAU

Foi eleita e empossada em 14 de agosto de 1961, a seguinte diretoria da Associação Rural de Blumenau:

Presidente	Augusto Reichow
Vice-Presidente	Heinz Scharader
1.º Secretário	Klaus Hering
2.º Secretário	Jan Rabe
1.º Tesoureiro	Lothar Schmidt
2.º Tesoureiro	Paulo Pamplona

CONSELHO FISCAL

Efetivos:	Suplentes:
Bruno Hoelgebaum	Júlio Krueger
Rudi Nebelung	Erwin Kuehn
Raul Deek	Edmundo Hort

ASSOCIAÇÃO RURAL DE PERIMIRIM

É a seguinte a nova diretoria da Associação Rural de Perimirim, no Estado do Maranhão:

Presidente	Agripino Alvares Marques
Vice-Presidente	Antonio Barros Gamita
1.º Secretário	Jorge Antonio Maia
2.º Secretário	João Costa Castro
1.º Tesoureiro	Naisa Ferreira Amorim
2.º Tesoureiro	Julieta de Castro Marques

CONSELHO FISCAL

Efetivos:	Suplentes:
Benoni de Jesus Abreu	Antonio Nunes Pinheiro
Adelar José Alvares Mendes	Raimundo Botão Mendes
Pedro Gomes	Vicente Nunes Pinheiro

ASSOCIAÇÃO RURAL DE SENHOR DO BONFIM

Em Assembléia Geral Ordinária, realizada em 25 de agosto de 1961, foi eleita e empossada a nova Diretoria desta Associação, para o biênio de 1961/1963, que ficou assim constituída:

Presidente de Honra	Revmo. Don Antonio M. Monteiro
Presidente	Agr.º Alvaro Ribeiro de Oliveira
Vice-Presidente	Agr.º Flávio de Carvalho Filho
1.º Secretário	Sr. Manoel de Carvalho Fonseca
2.º Secretário	Sr. José Lamartine de Lima
1.º Tesoureiro	Sr. Plínio Gomes Soares
2.º Tesoureiro	Sr. Martinho Barbosa da Silva

CONSELHO FISCAL

Efetivos:	Suplentes:
Agr.º Adolfo Gonçalves Lobo	Sr. José Gabriel G. Torres
Sr. Horácio Lemos Pinto	Sr. Arlindo Silva
Sr. Rade Andrade Pereira	Sr. Pedro Ferreira Pombo

Eleita em Assembléia Geral Extraordinária, foi empossada a seguinte diretoria da Associação Rural de Ouro Preto:

Presidente	Dr. Marcos M. de Miranda
Vice-Presidente	Afonso Piovesan
1.º Secretário	Juvenal Borges de Carvalho
2.º Secretário	Cezimbro Guimarães
1.º Tesoureiro	Dr. Jos é Junqueira Junior
2.º Tesoureiro	Rogério Batista Gomes

CONSELHO FISCAL

Efetivos:	Suplentes:
Vicente Vilela de Araújo	José Pereira César Góis
Cláudio Cândido	Ciro Pereira da Silva
Nelson Maciel	

Ten. João Antônio Nasc. Sá

CHEGOU O NOVO MODELO

Torqueses BURDIZZO

DE FAMA MUNDIAL

POSSUI DETENTOR DO CORDÃO, SEGURA O CORDÃO TESTICULAR NO PONTO PRECISO PARA SUA RUPTURA OU ESMAGAMENTO, SEM CORTAR NEM FERIR A PELE DO ESCROTO... NÃO CAUSA LESÕES SUSCEPTÍVEIS DE INFECCÃO



Cada torquês é acompanhada do LIVRO DA TÉCNICA PARA CASTRAR



Desenho mostrando como se separa e empurra, com o indicador e polegar da mão esquerda, o cordão direito para um lado, forçando-o contra a parede do escroto para isolá-lo, ajustando depois a torquês

Uma operação simples, segura e inofensiva. Qualquer fazendeiro com um ajudante, pode castrar seus animais.



Desenho mostrando os cordões e os testículos, assim como a posição dos dedos e da torquês pronta para apertar

PARA MAIORES INFORMAÇÕES DIRIGA-SE AOS DISTRIBUIDORES
HERMAN JOSIAS S. A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Rua dos Mercadores, 8 — RIO DE JANEIRO
À VENDA NAS BOAS CASAS DO RAMO
Fabricantes: N. BURDIZZO — Torino, Itália

AS COOPERATIVAS CENTRAIS

Fábio Luz Filho

(Presidente do Centro Nacional de Estudos Cooperativos)

As Centrais (com as quais, aliás, nunca simpatizei, como, forçado pelas circunstâncias, aceitei a de Abastecimento com as características que essas circunstâncias lhe deram, na única interpretação possível dentro da definição esdrúxula da lei, e numa tentativa para dar solução a um problema lancinante e complexo), têm suas raízes legais nas centrais européias (que são federações), o que a prática argentina reproduz. Os legisladores da 22.239 tiveram, por preocupação adaptar essas centrais européias, repetidas pelas federações argentinas (algumas das quais também, excepcionalmente, aceitam pessoas físicas) às nossas condições de mesologia. Mas, na prática, o confucionismo impera, de vez que cooperativas primárias há que também aceitam outras cooperativas e elastecem suas áreas de ação, e tanto servem ao mercado externo como ao interno. Têm surgido também centrais com duas cooperativas, apenas, para cumprimento do que foi firmado pela exegese, e o restante de pessoas físicas, olhos ávidos postos na liceidade, para essas centrais, de áreas de ação mais vastas (como certas cooperativas primárias), com visos de monopolização mercantilista.

A primeira central brasileira foi fundada por mim e O. Tomanik em São Paulo, após o trabalho que iniciei em Cruzeiro, onde fundei em 1931 a primeira cooperativa de leite do Estado bandeirante. Outras se sucederam, aqui, no Norte e no R. G. do Sul, neste agremiando centenas de cooperativas agrícolas, das mesmas tendo sido assessor técnico o Dr. A. Gredilha, profundo conhecedor do cooperativismo, redator final da lei 22.239, de cuja elaboração participou diretamente, com Saturnino Brito e o Dr. Luciano Pereira e eu, indiretamente, pois chefiava a Seção de Crédito Agrícola, a que pertenciam Saturnino e Gredilha.

Nem o Dr. Gredilha nem os ilustres assistentes jurídicos do Serviço de Economia Rural contestaram, até hoje, a legalidade dessas organizações para o mercado interno.

Quando dos debates em torno da de abastecimento achou-se que a Central poderia ser a fórmula procurada; apenas a consideravam inadaptável às exigências da C. O. F. A. P. quanto à questão dos postos (que desejava alienar) para o abastecimento global do Rio, complexo e diversificado. Ademais, os interessados, nas mesas redondas, ofereceram tenaz resistência ao tipo da central, pela obrigatoriedade, em que estariam, de fornecimento integral dos produtos agrícolas à entidade de 2.º grau. Sugeriu-se então a fórmula da de abastecimento, mediante uma portaria interpretativa da definição esdrúxula da lei 22.239, por evitar o pior. Foi uma experiência e só o tempo dirá a última palavra, dentro da caracterização dada, pois grandes foram, inegavelmente, os obstáculos defrontados, que a fizeram perecer.

Integral significa total, inteiro, isto é objetivamente, as centrais, a defesa total da produção, o que se não faz apenas com a entrega total da produção (nem sempre possível, como nas de mate e nas de laticínios, o que não as impediu de valorizarem os respectivos produtos), mas envolve, como nas grandes federações argentinas, aspectos outros de relevância, fatores outros concomitantes, como os que, ao lado da comercialização do produto nos mercados internos e externos, visam à extensão agrícola ao crédito, aos seguros, etc., como veremos. Defesa integral não é comercializar apenas a integralidade do volume físico da produção cooperativado nesses órgãos brasileiros de segundo grau, que são, inegavelmente as centrais de nossa inventiva, que, como federações argentinas, recebem por exceção pessoas físicas. (A prática brasileira é que estabeleceu o predomínio de pessoas físicas, nem sempre bem intencionado...) A Bolívia definiu-as como um processo de integração econômica. Também o são, e de maior sabor clássico e doutrinário, pela homogeneidade, etc., as federações, os verdadeiros órgãos de segundo grau em todo o mundo, ápice do sentido federativo.

Na Argentina, Yury Izquierdo, que a visitou demoradamente como competente emissário da União Pan-Americana, em brilhante trabalho sobre o movimento cooperativo argentino diz que "la especialización dentro del movimiento cooperativista agrario argentino es cada dia más reducida. La unactividad ha sido reem-

plazada por la multiactividade, pues el accionista no se limita a recurrir a su cooperativa para el solo efecto de comercializar su producto o elaborarlo, sino que también para dar satisfacción a las variadas necesidades de la vida rural, desde el abastecimiento de subsistências, hasta las gestiones de caráter tributario, jurídico o comercial a jenas al objetivo primario de la sociedad." E acrescenta, com razão, que não pode ser de outra maneira em um país em que as distâncias são grandes e os centros povoados distantes. O homem do campo não pode estar em contínuas viagens, que significam perdas de tempo e despesas..., "por ello, su cooperativa le allana tales inconvenientes y, mediante su economato, su organismo de 2.º grado y sus propios servicios, que son muy variados, porta ao accionista un tipo de atención que, realmente, nos impede hablar de especialización." (Se esses fenômenos existem na Argentina, imagine-se no Brasil...)

O grupo das cooperativas agrícolas-pastoris argentinas repousa na comercialização dos cereais, mas também trabalha intensamente em muitos outros campos, especialmente através do órgão de segundo grau. "Es así como se proveen de semientos de trabajo, seguros, etc.) millas y artículos de subsistencia, etc."

O Uruguay possui a sua "Federação Nacional de Cooperativas Agropecuárias".

A federação argentina denominada "Associação de Cooperativas Argentinas", vendeu somente no mercado interno, em 1957, mais de um bilhão de pesos, contra 800 mil pesos de produtos para o mercado externo. Mais de 175 milhões de pesos corresponderam à venda de produtos de produção própria e mais de 7 milhões de produtos importados.

A Argentina possui quase 800 cooperativas agropecuárias (laticínios, hortícolas, de seguros agrícolas, beneficiamento de produtos têxteis, de algodão, florestais, madeiras, de abastecimento de carne, vitifrutícolas, ervateiras e mais de 200 abarcando várias atividades agrícolas.

As cooperativas de segundo grau, ou federações, na Argentina vão a 24, agremiando a 1.971 cooperativas primárias. Existe uma Confederação Intercooperativa Agropecuária, órgão de terceiro grau que agremia 14 federações.

Eis um dos objetivos da Asociación de Cooperativas Argentinas, que possui

UM FILTRO AFAMADO NO MUNDO INTEIRO

Agua rigorosamente pura



Com 2, 3 e 4 velas
Fabricadas pelo

Processo Esterilizante
SENUN

Informações: FABRICA — Rua Figueira, 237

um capital subscrito de 54.299,50 pesos, 22.687.637 realizados, 226 filiadas e cêr-tribuir entre las cooperativas asociadas ca de 100.000 associados. "Adquirir y dis-y por cuenta de cada una de ellas, y por si, todos los articulos que le sean solicitados para el consumo y el trabajo de sus socios." Procura, assim, o órgão de segundo grau, centralizador e de maior potencialidade financeira, atender a todas as necessidades das cooperativas filiadas, todas mistas, e, consequentemente, às necessidades dos próprios colonos, até o campo do consumo pessoal e doméstico, aquisição de glebas, instalando fábricas tico, do seguro, de crédito, promovendo para produtos e subprodutos agrícolas, estatística, etc.

Não são outros os objetivos da Federación Argentina de Cooperativas Agrícolas:

"Adquirir por si y por cuenta de las cooperativas adheridas los articulos de cualquier naturaleza que se requieran el consumo o uso de sus respectivos só-para las exploraciones agro-pecuarias y cios...; importar e exportar mercaderias, etc." Por que as centrais não poderão fazer o mesmo?... A sessão de consumo como vimos, existe até nas federações

agrícolas argentinas, ao lado das de crédito e seguros, enquadrado que está o consumo de combustíveis e gêneros para as explorações agrícolas nos quadros do crédito agrícola, como o ensinam os tratadistas e se vê na prática mundial, como o acentuo em "Crédito agrícola e problema agrário".

Defesa integral do produto é função até das cooperativas primárias, principalmente das do tipo centralizado (não é central nem federação, como nos E. Unidos, em Porto Rico, etc., e no Brasil como Cotia, dentre outras, que é uma central de fato, com seções de consumo, crédito, fábricas de adubos, assistência médica, etc.). Fazem-na as federações agrícolas também.

Leiserson, ilustre advogado e um dos grandes tratadistas sul-americanos, em se referindo aos órgãos de 2.º grau, as federações (na Argentina a lei não cogita de órgãos como a central, já o disse) diz:

"No hacen falta en principio, normas especiales para regir estas cooperativas de quadros superiores... La mayoría de las legislaciones se limitan a autorizar la formación de las uniones de las asociaciones cooperativas, precindiendo de toda reglamentación, por cuanto estas instituciones pueden diferenciarse entre si tanto por su estructura como por sus fines". Acha ele até que esses órgãos de 2.º grau poderiam revestir a forma anônima, pelo vulto dos capitais necessários às suas amplas operações, achando que isso não lhe tiraria a finalidade cooperativa, de vez que os capitais serão cooperativos e as finalidades e os princípios também cooperativos, o que, no entanto, não se pratica no movimento cooperativo mundial, felizmente.

E' sabido que, nas omissões das leis, um dos critérios dos hermenêutas reside em ir buscar na prática universal, no direito consuetudinário, no de-jure-constituendo, o que é omissso na lei. Embora simpatizando pouco com as centrais, do bro-me à lei e a certas contingências de meio, reconhecendo a margem para deformações e falhas (como nas de abastecimento) que existe nessas organizações amplísimas e complexas, deficiências e distorções de várias ordem e complexidade, que aumentam quando as pessoas físicas nelas entram com um contingente grande, em meio ainda inexperiente e com conhecidas deficiências de pessoal capacitado, idiosincrasias e mentalidade conhecidas.

Acabo de frisar, em "Crédito agrícola e problema agrário" que, para os países subdesenvolvidos, continua na tela dos debates, e no campo da experiência cotidiana no Brasil, na Argentina e nos demais países da América do Sul, aquela tese pertinentes às cooperativas de funções múltiplas. A F. A. O., por exemplo, ao se referir aos países "menos desenvolvidos economicamente", acentua que a eficácia do financiamento cooperativo nesses países aumentará consideravelmente se as atividades de crédito e economia se unirem com as das "cooperativas de comercialização", ou se a cooperativa local de crédito se dedicar a fins vários (tese de Campbell, Belshaw)". "La provisión de crédito, por si sola, no basta muchas veces. For tanto, la sociedad ha de estar en condiciones de desarrollar otras actividades más; por ejemplo, de ayudar a um miembro a vender su cosecha con la mayor ventaja posible", atingindo-se, com isto, um duplo fim: servir aos associados, assegurando-lhes empréstimos com um profundo conhecimento da capacidade de cada um.

Embora reconhecendo as vantagens das cooperativas específicas, o que há pró e contra, já fiz sentir que o crédito agrícola, se adequado e controlado, já representa poderoso fator de mobilização agrícola; mas, pode e deve ser apoiado pelo exercício conjunto e harmônico de todas as demais funções econômicas que cabem às cooperativas de funções múltiplas, prepostas ao amparo técnico-econômico do agricultor. O crédito mesmo está em função de outros fatores, que se encontrarão ao alcance dos administradores, pelos índices de garantias que lhes poderão fornecer os demais setores econômicos que devem ser dinamizados pela ação cooperativa e por ela supervisionados.

Essas vantagens tanto se encontram nas mistas primárias do tipo centralizado, como nos órgãos de 2.º grau; a federação, que na Europa se denomina central, (como o fazem os colonos alemães do Sul do Brasil, com as caixas Raiffeisen) e, no Brasil, a central, que são órgãos de cúpula, os instrumentos mais indicados para a concentração das atividades cooperativas.

Nada há nas leis vigentes, na prática mundial, no que vem sendo feito no Brasil desde 1933 (como o confirmou a Assistência Jurídica do S. E. R.), que proíba que as federações e centrais tenham

o mesmo caráter multifuncional das cooperativas primárias que lhe são filiadas. Não vejo nisso de desaconselhável, doutrinária e praticamente, sobretudo face às nossas condições de meio. Podem as centrais abastecer os mercados internos. A expressão "exportação" não tem mais o sentido revelho, num país de tipo continental como o Brasil, de transporte para fora do país de mercadorias; significa, hoje, também "fazer passar para uma outra região". O Rio Grande do Sul, por exemplo, que faz, quando, como grande celeiro que é, abastece com seus produtos agrícolas os grandes centros de consumo do país?

A expressão adverbial "no geral" não exclui a possibilidade de cooperativas centrais para abastecer, com seus próprios produtos agrícolas, os mercados internos.

Há "guias de exportação" de produtos de cooperativa do Sul para o Norte.

A primeira central brasileira, como já o disse, foi fundada por mim e Tomaznik em São Paulo, com a participação de pessoas físicas, dada as peculiaridades do problema de abastecimento de leite daquela grande cidade.

E agora as fontes em que se foram abeberar os nossos legisladores na época (1932) e para as centrais aqui, e para as federações na Argentina (onde não há centrais como tipo diferenciado, e, sim, federações com as mesmas funções de abastecer mercados internos e exportar, como já frisei).

Não só escritores frisam o que são centrais de cooperativas, como a prática mundial a sancionou. Kaufmann preconizou a reunião de "les sociétés d'approvisionnement (consumo) et de vente (agrícolas) groupées en coopératives centrales (federações)".

Na Alemanha "les Centrales de marchandises, soutiennent l'achat et la vente de marchandises par les différents coopératives moyennant l'achat et la vente en commun... Dans une mesure restreinte, non seulement des coopératives, mais aussi des particuliers peuvent devenir membres des coopératives centrales".

Na Finlândia, existe a "Centrale forestière des propriétaires forestiers, dont le but est d'encourager et de guider l'économie forestière des propriétaires de forêts. L'écoulement des produits forestiers, principalement sur les marchés d'exportation".

"Les parts sociales de la Centrale, au

VERMES?
OPILAÇÃO?

PANVERMINA

GLOBULOS
DE
GELATINA
(LÁ PURGATIVOS)

Golpe certo

CONTRA TODOS os VERMES

LABORATORIO PANVERMINA

RUA SAMPAIO FERRAZ, 38-RIO

montant de 500 marks filandais l'une, ont été souscrites para des propriétaires forestiers (y compris les communes), des associations de propriétaires forestiers, des coopératives de diverses catégories (notamment les laiteries), etc. admite, essa Central, a emissão de obrigações.

A União Central de cooperativas agrícolas de Praga, na Tchecoslováquia, abrangia as caixas Kampelik (Raiffeisen), as caixas de departamento, as cooperativas agrícolas e as cooperativas de consumo, com um total de 3.742 cooperativas.

A União Central alemã abrangia 2.042 cooperativas. A União das Cooperativas Agrícolas de Praga, entre outras funções, exerceu a de caixa central.

Eis os objetivos das centrais bolivianas, que são locais, "forma de integração econômica": servir de intermediárias entre as filiadas e as instituições de crédito e financiamento; organizar serviços comuns de administração cooperativa; produzir e vender artigos de necessidade vital para as sociedades filiadas, como utensílios agrícolas, sementes, adubos, etc.; organizar serviços de armazéns cooperativos de depósitos e venda em comum de artigos produzidos pelas cooperativas filiadas e organizar a formação e o emprê-

go de estações cooperativas de maquinário agrícola, segundo os princípios do Ministério dos Negócios Agrícolas. (Note-se, nesta lei, promulgada em setembro de 1958, influência de nossa legislação, que era a única, até hoje, na América, com esse tipo de central).

Vemos os que são complexas suas finalidades, em toda a parte.

E é preciso que se frise, mais uma vez, que muitos países têm federações (ou centrais) de cooperativas agrícolas cujos membros lhes entregam produtos variados; outras não trabalham com produto algum, compondo-se de bancos de crédito e cooperativas rurais de consumo e de suprimentos agrícolas; ou, quando empreendem atividades comerciais, estas têm um caráter múltiplo: compra em grosso e a comercialização ou a elaboração de variados produtos agrícolas.

As leis não podem ser estáticas e, muito menos, uma lei que vem de 1932 e que já sofreu impactos vários oriundos de circunstâncias várias, face às nossas condições de meio e o desenvolvimento, e a complexidade que vai tomando o movimento cooperativo brasileiro.

Não podem transformar-se, as leis, em obstáculos pétreos à evolução das coisas. Daí nada ver que possa proibir ou desaconselhar o tipo de central que vem sendo adotado no Brasil desde 1933, embora, como disse, com elas não simpatize, dobrando-me às contingências legais e a certas contingências de meio. (Saíndo as cooperativas, quando forem constituídas as centrais também por pessoas físicas, poderá substituir, legal e juridicamente, uma central?! E o critério de representação, nem sempre fácil, etc.?).

As cooperativas mistas ou de funções múltiplas predominam, como disse, na Argentina e estão tendo certa preferência no Brasil. Dentre outras, podem citar-se a sdos japoneses, como a de Cotia (uma central de fato embora, legalmente, seja uma primária de funções múltiplas), abastecedora de vários mercados internos brasileiros e um precedente que é comumente citado pela área de ação, não obstante já Cotia existisse bem antes de promulgado o decreto 22.239, que é de 1932 (a primeira lei brasileira verdadeiramente rgânica e uma das primeiras leis sul-americanas, só lhe tendo antecedido a argentina, de 1926, e a da Colômbia, de 1931), o que lhe concedeu "direitos adquiridos".

Essas cooperativas de funções múltiplas são, como disse, estágios que muitos "experts" preconizam para os países subdesenvolvidos, o que implica num trabalho estatal de assistência e vigilância, apoio creditício, etc. Outros, no entanto, preconizam as cooperativas específicas, isto é, limitadas a um só objetivo (a prática argentina e a brasileira vem confirmando a primeira tese, não obstante nos faltem elementos e ainda seja cedo para um juízo definitivo, como acontece com o panorama pernambucana), não obstante seja, contra as específicas, sério o argumento da falta de recursos financeiros, a escassez de dirigentes capazes para organismos vários, etc. (No meu recente livro "Crédito Agrícola e problema agrário" avento, exaustivamente o tema).

Como não estamos em regime ditatorial ou de democracia autoritária nem de monopólios cooperativos, os interessados só podem ser aconselhados e nunca impedidos de agir dentro da lei e das jurisprudências firmadas, expressas ou implícitas, ou "automáticas" (quando, durante anos, se pratica uma modalidade sem impugnações de ordem legal ou jurídica).

O que nos cumpre fazer - pedir, a cooperativistas, cooperadores, e mesmo a certos órgãos oficiais, que ajam com bom-senso e espírito cooperativo...

Conclusão da pág. n.º 48

rência Mundial da Energia realizada em 1936, em Washington.

Foi sócio do Clube de Engenharia, de cujo Conselho Diretor já fez parte durante alguns anos, da Sociedade Mineira de Engenheiros, da Sociedade Brasileira de Geologia e membro honorário da Sociedade de Geologia do Peru.

Trabalhos publicados tem os relativos aos estudos de quedas d'água e de regime de cursos d'água, pareceres que emitiu no Conselho Federal do Comércio Exterior sobre a Indústria da Soda e o Plano Nacional de Eletrificação, o Relatório que, com seu colega Eng.º Marcelino da Silva Rodrigues, apresentou ao Governo sobre a 3.ª Conferência Mundial da Energia, "Paulo Afonso", editado pelo Ministério da Viação (Coleção Mauá), "A Energia de Paulo Afonso e o Nordeste", "Alguns Esclarecimentos Oportunos", Relatório das Atividades da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco e vários outros trabalhos sobre a indústria da mineração, sobre as obras de Paulo Afonso e sobre legislação de águas e energia, em várias revistas.

Foi 1.º Vice-Presidente do Conselho Executivo Internacional da Conferência Mundial da Energia.

A 6 de junho de 1958 foi eleito Sócio Titular da Sociedade Nacional de Agricultura.

ALGUNS ASPECTOS QUE SE DESTACAM NA SITUAÇÃO AGRÍCOLA MUNDIAL

São quinze os aspectos do panorama agrícola mundial que sobressaem no relatório anual que a Organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas (FAO) organizou sobre "O Estado Mundial da Agricultura e da Alimentação" em 1961, baseada em dados compilados até 30 de junho do corrente ano:

1. Segundo cálculos preliminares da FAO, o aumento da produção agrícola do mundo em relação ao período anterior (excluindo-se a China continental) foi de 1%, inferior, portanto, ao crescimento demográfico, calculado em 1.6%.

2. Especialmente animador foi o aumento calculado em 3% que se registrou no Extremo Oriente (com exceção da China continental) onde a produção de alimentos por pessoa atingiu finalmente o nível médio dos anos anteriores à guerra.

3. A produção mundial por pessoa variou muito desde o grande aumento verificado em 1958/1959, porém, mesmo assim, ela é superior em 14% à de antes da Segunda Guerra Mundial.

4. Na América Latina, contudo, cuja produção de alimentos por pessoa superou momentaneamente o nível de antes da guerra durante os períodos 1956-1957 e 1958-1959, se registrou em 1960-1961 um retrocesso devido ao rápido crescimento populacional. No Extremo Oriente (ainda com exclusão da China continental) atingiu-se novamente o nível alcançado antes da guerra, enquanto

que na África ela vem diminuindo há vários anos, apresentando atualmente índice inferior àquele período. No Oriente Próximo, apesar da situação haver piorado nos últimos anos, ela ainda é superior à de antes da guerra.

5. Parece evidente que na Rússia e na Europa Oriental a produção de alimentos por pessoa "tenha aumentado mais rapidamente do que em qualquer outra região depois da 2.ª Guerra" em razão do aumento da produção que se processou naquele país.

6. Em 1960 a pesca mundial elevou-se a 37.5 mi-

lhões de toneladas, isto é, 6% mais do que em 1959.

7. A extração da madeira redonda em escala mundial, em 1960 aumentou em 3% sobre a do ano anterior, alcançando a cifra de 1,770 milhões de metros cúbicos.

8. Os excedentes de certos produtos agrícolas continuaram se acumulando. Foram especialmente grandes os aumentos verificados nas disponibilidades de grãos forrageiros, manteiga, açúcar, café e cacau.

9. Ainda que o abastecimento de alimentos haja melhorado nas regiões alimentadas do mundo, permanece aquém dos níveis registrados nos países onde o índice de alimentação é maior. Nestes o aumento se verificou nos produtos pe-

"CASA MATHIAS"

UNIFORMES E ENXOVAES.



PARA TODOS OS COLEGIOS

MARCA REGISTRADA

AVENIDA MARECHAL FLORIANO 106, 108, e 110
ANTIGA RUA LARGA
TELEFONES 43-4521 e 43-5426

ANUNCIE

em

"A LAVOURA"

cuários e, naqueles, em produtos agrícolas.

10. O valor total das exportações agrícolas subindo aproximadamente 6% atingiu os preços atuais. No entanto, os termos do intercâmbio comercial dos produtos agrícolas pioraram, pelo 6.º ano consecutivo, dado que o valor real das exportações — medido por sua capacidade em comprar artigos manufaturados — não aumentou senão 3%.

11. Durante os dez últimos anos as exportações agrícolas comerciais (menos aquelas realizadas em condições especiais) aumentaram aproximadamente 33% em volume, 14% em valor em relação aos preços atuais e somente 4% em termos reais, o que quer dizer que os exportadores em seu conjunto se beneficiaram muito pouco da melhoria.

12. Em 49 dos 71 países para os quais existe índice de preços a varejo, estes subiram em 1959/1960; permaneceram estacionários em 6 países e baixaram em 16 outros.

13. Nos países mais desenvolvidos quase toda a mudança de política agrícola teve por objetivo o acúmulo de excedentes, enquanto que na maioria dos países sub-desenvolvidos houve a preocupação de incrementar a produção para fazer frente às necessidades crescentes.

14. A política agrícola adotada pelos países comunistas se assemelha a dos países sub-desenvolvidos no que se refere à necessidade de aumentar a produção para enfrentar uma procura rapidamente crescente.

15. Perspectivas para 1961/1962

I. — Em fins de junho de 1961 tudo parecia indicar que o aumento da produção agrícola mundial haveria de ser relativamente pequeno de novo. O mau tempo prejudicou plantações em diversos lugares.

II. — A oferta da maior parte dos produtos continuará sendo abundante de modo que parece haver poucas perspectivas de que nos países insuficientemente desenvolvidos se recupere-



VISITAM A FORD ELEMENTOS DE EXPRESSÃO DO CONSELHO NACIONAL DO SERVIÇO SOCIAL RURAL

A Ford do Brasil recebeu, dia 16 último, a visita dos srs. Dr. Oswaldo de Souza Martins, Presidente do Conselho Nacional do Serviço Social Rural, Dr. Uriel Marcondes César, advogado do mesmo Conselho e do jornalista Laércio Cortes, do Serviço Informativo daquela autarquia.

Os citados visitantes almoçaram no restaurante da Gerência instalado nas dependências da Companhia Ford no Ipiranga, em companhia dos srs. Dr. Oswaldo Silva, Gerente de Comunicações Públicas, Dr. Lauro de Barros Siciliano, Gerente de Assuntos Institucionais, Paulo de Tarso Cerqueira de Aguiar, Assistente Editorial e Luiz Carlos de Oliveira, representante de Relações Públicas. Foram trocadas idéias sobre a Juventude Rural, setor em que a Ford vem desenvolvendo profícuo trabalho.

Após o almoço, os ilustres visitantes percorreram as linhas de montagem de tratores e caminhões, que se encontram em franca produção em nosso país.

Associação dos Criadores de Guzerá do Brasil

Foi eleita e empossada para o biênio 1961-1963 a seguinte diretoria da Associação dos Criadores de Guzerá do Brasil.

Presidente	Dr. José Resende Peres
Vice-Presidente	Sr. João Carlos Burguês de Abreu
1.º Secretário	Dr. Hélio Fernando de Albuquerque
2.º Secretário	Sr. Ernesto de Salvo
1.º Tesoureiro	Dr. Theodoro Eduardo Duvier
2.º Tesoureiro	Sr. Mário de Almeida Franco

COMISSÃO FISCAL

Deputado Napoleão Fontenelle
Sr. Zélio de Sousa Faria
Dr. Eduardo Duvier

SUPLENTES

Dr. Donald Wilfred Strang
Dr. Renato da Costa Lima
Sr. Ephrem Ephphaneo Pereira

rem os preços dos produtos agrícolas, melhorando

por conseguinte, os lucros nas suas exportações.

O REGISTRO TORRENS

A falta de segurança dos títulos da propriedade rural no Brasil é dos mais sérios problemas com que se defronta o crédito a longo prazo, que deve ter a terra, como principal garantia.

A liquidez destes diplomas criam um clima generalizado de desconfiança de tal modo, que o crédito pessoal é mais importante que o crédito rural, tendo melhor aceitação, muitas vezes a promissória de um comerciante de reduzidos recursos que a garantia hipotecária baseada numa propriedade agrícola.

Este grave problema — poderá ser diminuído pela aplicação do chamado Registro Torrens, como é universalmente conhecido o sistema orientado em 1856 por um legislador australiano, Robert Torrens. Foi proposto, no Brasil, no Governo Provisório pelo Conselheiro Ruy Barbosa, então Ministro da Fazenda, numa notável exposição, pelo que justificou os decretos 451 — B e 955 — A, de 1890.

Vale mencionar alguns dos conceitos emitidos pelo grande brasileiro:

"Representa a mais adiantada fase das idéias contemporâneas quanto à propriedade territorial, o mais bem-fazejo de todos os regimens para o seu desenvolvimento e frutificação nas sociedades odiernas. Consiste o seu fim em estabelecer um sistema eficaz de publicidade imobiliária e comercializar a circulação dos títulos relativos ao domínio sobre a terra."

No longo e exaustivo exame da matéria o Conselheiro Ruy Barbosa pôs em sua plena evidência as vantagens do sistema.

Oliveira Viana, em um exaustivo estudo sobre Vantagens do Sistema Torrens, escreve:

"Qual é o sistema Torrens? É um novo sistema de normas, relativas aos atos da constituição, transmissão e conservação da propriedade imobiliária. Isto em linguagem técnica; mas em linguagem comum pode-se dizer que uma pura maravilha de simplicidade clare-

za, rapidez e segurança num domínio em que tudo é complexidade, obscuridade, lentidão e insegurança. Realmente os processos constituintes e translativos da propriedade imobiliária, vigentes nos povos ocidentais, se ainda das influências da tradição romana e, principalmente da tradição germânica são ainda demasiadamente formalísticas — o que sob o ponto de vista do sistema atual dos negócios é um grave inconveniente. É justamente este grave inconveniente que o sistema Torrens vem corrigir, dando à propriedade imóvel uma mobilidade que a parifica com a propriedade mobiliária.

E continua o ilustre sociólogo e pensador político fluminense: Por meio do Registro Torrens uma fazenda de café, uma estância, uma usina de açúcar entram na corrente dos negócios, com as mesmas facilidades de circulação de uma cambial ou de uma apólice da dívida pública. O processo que este sistema estabelece para realizar a venda de um imóvel ou criar sobre ele um ônus qualquer hipotecário ou pignoratício, por exemplo não é menos rápido e simples do que o processo com que operamos atualmente rendoso de uma promissória ou a transferência de um título nominativo.

Eis como o mesmo autor alinha os objetivos deste sistema regulador da propriedade imobiliária:

1.º a certeza da proprie-

dade. Ele dá aos atos de transmissão da propriedade garantias mais fortes do que as que oferece qualquer outro sistema imobiliário;

2.º a facilidade do crédito. Ele torna, com efeito, simples, breve, rápido a constituição dos chamados direitos reais de garantia ou sobre o imóvel (hipoteca e) ou sobre título da matrícula (penhor). Estes dois itens, para a plenitude do seu alcance jurídico e econômico estão dependendo do primeiro: a certeza da propriedade." (Oliveira Viana, Vantagens do Sistema Torrens, pub. n.º 3 do Instituto de Fomento e Economia Agrícola do Estado do Rio de Janeiro — 1927).

Vale ainda mencionar as palavras de Alfred Darin sobre os três pontos cardeais do sistema australiano:

I) Instituição do processo expurgativo, destinado a precisar a propriedade, delimitá-la e fixar de modo irrevogável para todos, os direitos de propriedade, autenticando-os em um título público;

II) criação de um sistema de publicidade hipotecária, adequado a patentear exatamente as condições jurídicas do solo, com os direitos reais e gravames que o oneram;

III) mobilização de propriedade territorial mediante um conjunto de medidas convergentes a assegurar a transmissão pronta de imóveis a constituição fácil de hipotecas, a sua cessação por via de endosso. (Alfred Darin, Le Système Torrens, pag. 11.)

Sem certeza do domínio, a propriedade será uma constante aventura, disse com certa razão o ilustre Dr. Sá Pereira, Direito das Coisas, pag. 116 n.º 28).

Vale ainda mencionar alguns conceitos de Oliveira Viana, colhidas na mesma publicação:

"Robert Torrens, o deputado australiano que em 1856 engenhou o sistema que

traz o seu nome, devia ser um gênio — e a sua inteligência, tal como revela a engenhosidade de sua concepção, devia possuir todas as qualidades que caracterizam os espíritos geniais. O campo do direito é como o campo da física, da química, da mecânica, também tem os seus inventores, os seus talentos criadores — e Robert Torrens é um deles. O sistema que inventou para reger os direitos sobre a propriedade imobiliária, especialmente a propriedade territorial, é um autêntico milagre de limpidez, brevidade e segurança.

Está para os antigos sistemas de transmissão de propriedade, como o telégrafo sem fio está para os antigos sistemas de transmissão de pensamento: eliminando um mundo de fatores ou operações intermediárias, consegue com isto alcançar um máximo de simplicidade e rapidez.

Por meio do registro Torrens, uma fazenda de café, uma estância, uma usina de açúcar entram na corrente dos negócios com as mesmas facilidades de circulação de uma cambial ou de uma apólice da dívida pública.

O processo que este sistema estabelece para realizar a venda de um imóvel ou criar sobre ele um ônus qualquer, hipotecário ou pignoratício, por exemplo, não é menos rápido e simples do que o processo com que operamos atualmente o endosso de uma promissória ou a transferência de um título nominativo.

Examinadas as suas vantagens, expostas com tanta lucidez pelos autores mencionados, é de admirar que o "regime Torrens" não tivesse tido entre nós o mesmo sucesso que obteve em outros países.

Instituídos pelos decretos ns. 451-B do Governo Provisório, foi regulamentado no mesmo ano (Dec. número 1.223 de 1914) teve de sofrer as intrasigências de ter sido elaborado antes de haver si-

do promulgada a Constituição de 24 de fevereiro de 1891.

Antes desse momento, não estava bem claro no pensamento do Governo, como do legislador constituinte, qual a organização a ser dada aos Estados, qual a organização que, posteriormente, deveria ter a justiça, tanto federal como estadual.

Pelas suas condições adstritas à própria economia do sistema Torrens, ele só pode, à vista das condições fixadas pela Constituição Federal, ser executado pelos Estados.

Alguns legislaram sobre a matéria, ao que estamos informados entre eles, o de Minas, Rio Grande do Sul e o de Goiás.

O Estado do Rio, por iniciativa do então Deputado Leopoldo Teixeira Leite, foi elaborada a Lei n.º 1.223 de 26 de fevereiro de 1914, regulamentada em 1918 e pela Lei n.º 2.014 de 15 de agosto de 1926, instituindo o registro Torrens e os meios para a sua execução.

Vale mencionar algumas fontes para o exame do Registro Torrens:

Legislação Federal

Dec. n.º 451 de 31 de maio de 1890 — Dec. n.º 955-A de 5 de novembro de 1890.

Legislação Estadual

Lei n.º 1223 de 26 de fevereiro de 1916 — Dec. n.º 1621 de 14 de julho de 1918 — Lei n.º 2014 de 15 de agosto de 1926 — Dec. n.º 2189 de 21 de agosto de 1926 — Dec. n.º 2207 de 24 de dezembro de 1926.

Há ainda a comulsar a legislação de outros Estados, notadamente o de Goiás.

Tratando-se de matéria pouco conhecida, vale indicar algumas fontes bibliográficas para os que quiserem examinar a matéria:

Américo Lopes e Cícero Lopes — "O Registro Torrens — Comentários, notas e formulários — Rio, 1925.

O Regime Torrens no Estado do Rio de Janeiro — Pub. n.º 3, 1927, contendo dois excelentes trabalhos, de Dr. Eurico Teixeira Leite e de Dr. F. J. Oliveira Vian-

na. (Esta publicação tem um anexo todo um excelente repertório de Legislação, registros, mapas, plantas e trabalhos.)

Philadelphio Azevedo — Registros Públicos.

Ruy Barbosa — Exposição feita ao Governo Provisório, justificando o Dec. n.º 451-B, de 31 de maio de 1890.

E entre os outros estrangeiros:

Torrens (Sr. R.) — An Essay of the Transfer of Land by Registration.

Exposé Theorique et Pratique du Systeme Torrens — par M. W. E. Maxwell Alger — Adolfe Jourdan, 1889.

CONCLUSÕES

A adoção da mais alta relevância.

Seria um passo avançado para dar a maior liquidez e, portanto, segurança à propriedade rural, o que, em regiões afastadas, é uma condição fundamental.

Na verdade, as chamadas "questões de terra" em torno da propriedade agrícola, é um dos maiores fatores de intranquilidade, sobretudo em regiões ainda pouco desenvolvidas.

Estes inconvenientes seriam removidos pela implantação do Regime Torrens. A sua implantação deve ser vivamente estimulada e criando-se medidas que conduzam à sua rápida aceitação, rotadamente a da isenção de tributos e taxas, durante certo número de anos, como foi realizado em certos Estados, notadamente no Rio de Janeiro.

ANUNCIE

em

"A Lavoura"



Mãos que espalham
SALITRE DO CHILE
não ficam vazias...

É MAIS LUCRATIVO MULTIPLICAR A PRO-
DUÇÃO DE 1 ALQUEIRE COM BOM ADUBO,
QUE PLANTAR TRATAR E COLHER 3
ALQUEIRES-POIS SÓ A ECONOMIA DE BRAÇOS
COMPENSA FARTAMENTE O SALITRE
DO CHILE É UM ADUBO NATURAL QUE
REFORÇA A PRODUTIVIDADE DO SOLO
EXPERIMENTE-O!

SOLICITE FOLHETOS E INFORMAÇÕES, GRATUITAMENTE.



CADAL CIA. INDUSTRIAL DE SABÃO E ADUBOS

AGENTES EXCLUSIVOS DO SALITRE DO CHILE

PARA OS ESTADOS DA GUANABARA, DO RIO E ESPIRITO SANTO

RUA MÉXICO, 111 - 12.º AND. (SEDE PRÓPRIA)

— TEL 31-1850 - rêde interna

VITELOS "DE LEITE"

Elvino Alves Ferreira

Zootecnista

O chamado produtor de leite deve criar apenas as bezeras que forem de boa procedência e que sejam sadias. Se assim fizer aumentará a produção de leite de sua fazenda, o que, naturalmente, será vantajoso. Por medida de economia, serão eliminados, tão cedo quanto possível, os bezerros (machos), deixando-se para criar somente aqueles que forem destinados à reprodução. Se mercado houver para esses machos, poderão ser afastados logo após o nascimento, não se esquecendo, entretanto, o criador de saber se a vaca, da qual se elimina o

filho, "descerá" o leite sem a sua presença.

Para determinadas regiões do país poderá haver criadores interessados em adquiri-los para criá-los. Para isso, poderá usar vacas "amas" de leite, capazes de aleitar de 2 a 5 bezerros em uma lactação, caso seja boa leiteira e criadeira e desde que sejam desmamados aos 3 ou 4 meses de idade.

Entre muitos criadores há repugnância em mandar sacrificar o bezerrinho. Isso observa-se não somente entre nós, como também em outros países. Sabemos que em cer-

tos Estados da América do Norte há leis proibindo a matança nessa fase da vida do animal. Todavia, perguntamos: qual será maior "pecado": matar o animal após nascer ou ir matando-o pouco a pouco ao negar-lhe uma alimentação láctea suficiente, como fazem muitos criadores produtores de leite?!

Sob certas circunstâncias, valerá apenas conservá-los até a idade de 1 a 2 meses, quando serão vendidos. Terão, deste modo tempo de alcançar maior peso e, provavelmente, preferência no mercado.

Neste caso, convirá examinar:

- a) custo do leite
- b) preço do vitelo
- c) peso do bezerro ao nascer.

a) CUSTO DE LEITE — Segundo estudos feitos nos Estados Unidos são necessários 10 libras (453 g) de leite integral para produzir uma libra de peso no vitelo, ou sejam 4545 kg de leite para 0.453 kg de carne ou ainda cerca de 10 kg de leite para 1 kg de carne.

b) PREÇO DO VITELO — Conhecendo o criador os preços de leite e o da carne de vitelo de "leite", poderá, calculando, saber qual é o negócio mais rendoso: (1) Venda de leite em natureza, ou (2) sua transformação em carne de vitelo.

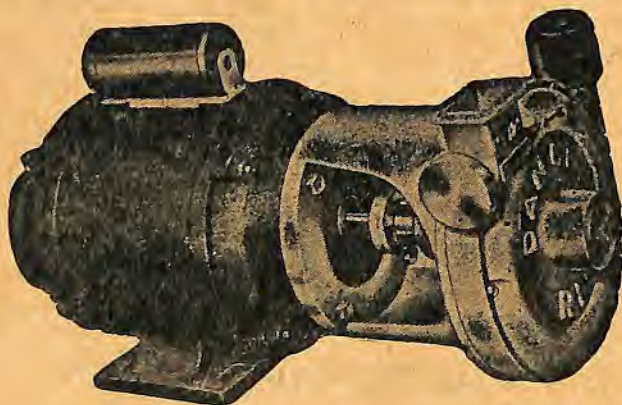
c) PESO AO NASCER — Como é fácil verificar o peso do bezerro ao nascer influenciará sobre o seu peso na ocasião da venda. Assim, se o mercado preferir vitelos de peso compreendido entre 70 e 100 kg, um bezerro que tenha nascido com 38 kg, por exemplo, precisa aumentar apenas 32 kg para atingir os 70 kg. Ao passo que um outro que tenha nascido com 25 kg, deverá ganhar 45 kg para alcançar os 70 kg, peso para a venda.

Há, assim, no caso, uma diferença de 13 kg entre os pesos dos 2 bezerros. Esta diferença deverá ser conseguida pelo consumo de maior quantidade de leite pelo segundo bezerro; isto é, o que nasceu com 25 kg, irá encarecer o

BOMBAS HIDRÁULICAS

DANCOR

INDÚSTRIA BRASILEIRA



CENTRÍFUGAS

- Com motores elétricos monofásicos de 1/4 a 1 H.P. trifásicos de 0,75 a 5 H.P.
- Com motores a gasolina auto-aspirante de 1. 1/4 H.P. altapressão de 1. 1/2 a 5. 1/2 H.P.

A VENDA NAS BOAS CASAS
Fabricadas e garantidas pela

DANCOR S. A. INDÚSTRIA MECÂNICA

Caixa Postal, 5.090 — End. Teleg. "Dancor" — Rio de Janeiro



MISTURAS MINERAIS VITACAMPO

RM - 1

Contendo: Boro
Bromo
Cálcio
Cobalto
Cobre
Ferro
Fósforo
Iodo
Magnésio
Manganês
Molibdênio
Níquel
Zinco

Para: Aves — Suínos —
Caninos — Carni-
voros em geral.

RM - 2

Contendo: Boro
Bromo
Cálcio
Cobalto
Cobre
Enxofre
Ferro
Fósforo
Iodo
Magnésio
Manganês
Níquel
Zinco

Para: Bovinos — Equinos
Ovinos — Capri-
nos — Ruminantes
em geral.

Produtos de alta qualidade rigorosamente dosados para suprirem as deficiências minerais dos animais; alta concentração — 1 quilo das misturas minerais para 1 tonelada de ração ou 2 quilos por saco de sal grosso de 60 quilos. — Solicite maiores detalhes, escrevendo-nos,

"não fique em dúvida; consulte um médico-veterinário!"

LABORATÓRIO VITACAMPO S. A.

AVENIDA PRESIDENTE VARGAS, 524-2º - RIO DE JANEIRO, D. F.

custo de sua carne, a ser reembolsado pelo criador.

Cabe-lhe, então, calcular o preço que irá custar o bezerro, a fim de decidir-se se valerá a pena ou não prepará-lo para semelhantes condições do mercado.

Cumpra-lhe também conhecer os principais fatores que exercem influência sobre o peso de bezerros ao nascer, o que lhe permitirá tirar melhor partido do negócio.

Entre esses fatores, enumeraremos os seguintes:

a) influência dos genitores;
b) raça dos genitores; c) dentro desta, o estado de saúde, bem como o de nutrição da vaca durante o período de gestação etc.

Sabemos que de pais sadios e fortes nascem filhos igualmente vigorosos e desenvolvidos.

São, do mesmo modo, conhecidas as diferenças no peso médio, ao nascer, de várias raças bovinas. Os bezerros da raça Schwys, por exemplo, são de grande peso, seguindo-

SR. RUDOLF STREIT

— Faleceu no dia 9, aos 62 anos, o Sr. Rudolf Streit, diretor-técnico da Companhia Industrial e Comercial Brasileira de Produtos Alimentares.

Nascido na Suíça, em 2 de janeiro de 1899, fez seus estudos em Zurich, onde se formou em Engenharia. Com 22 anos iniciou atividades profissionais, prestando colaboração técnica a várias das organizações dos produtos Nestlé. Tornou-se, com sua experiência, profundo especialista em laticínios, com atuação marcante naquelas organizações onde viria a ocupar postos de direção. O Sr. Rudolf Streit veio para o Brasil em 1924 e aqui se empenhou em levar adiante o desenvolvimento da indústria de leite condensado, leites em pó e especialidades dietéticas, demonstrando extraordinária capacidade de trabalho. Dotado de personalidade brilhante como homem de empresa, neste ano comemorava o seu 40.º aniversário de colaboração com os Produtos Nestlé, motivo pelo qual diversas homenagens lhe foram prestadas, além de outras que estavam programadas. Tendo escolhido para a cidade de Araras, que foi o centro propulsor das atividades dos Produtos Nestlé no Brasil, o Sr. Rudolf Streit interessou-se por tudo que pudesse contribuir para a prosperidade daquela cidade. Pela sua dedicação ao município, a Câmara Municipal de Araras resolvera outorgar-lhe o título de "CIDADÃO ARARAENSE", em solenidade que seria realizada no dia 18 do corrente. O sepultamento realizou-se no dia 10 em Araras, no cemitério local.

se, em escala descendente, os das raças holandesas, Guernsey e Jersey.

Vários experimentos têm demonstrado que bezerros oriundos de diferentes cruzamentos apresentam-se com peso ao nascer superior ao de seus pais, puros de origem.

Cumpra aos interessados, pois, examinar bem o assunto.



Faleceu, dia 18, de repente, na cidade de Paulo Afonso, Bahia, o engenheiro Antônio José Alves de Souza, presidente da Companhia Hidrelétrica do São Francisco e seu fundador. O conhecido técnico foi vítima de um enfarte do miocárdio e seu sepultamento se deu no dia seguinte no Cemitério São João Batista.

O Eng.º Alves de Souza era Sócio Titular da Sociedade Nacional de Agricultura, ocupante da Cadeira n.º 16, patrocinada por Trajano de Medeiros, tendo sido, portanto, membro do Conselho Superior da entidade.

DADOS BIOGRÁFICOS DO ENG.º ANTÔNIO JOSÉ ALVES DE SOUZA

Nascido no Distrito Federal em 4 de março de 1896, filho do Sr. Francisco Alves de Souza, comerciante e sua esposa, D. Francisca Alves de Souza.

—Estudou curso primário com professora particular, Sra. Carlinda Costa e depois na Escola Modelo Gonçalves Dias, no Distrito Federal, e no Colégio Gonçalves em Barbacena, Minas Gerais, para onde sua família transferiu a residência.

Fêz o curso secundário até o 5.º ano no Ginásio Mineiro, naquela cidade, completando-o no Ginásio Municipal, em Ouro Preto, Minas Gerais.

Ingressou na Escola de Minas de Ouro Preto em 1914, tendo terminado o curso de Engenheiro de Minas e Civil em 1920, sendo o aluno laureado de sua turma.

Em junho desse mesmo ano, ingressou no antigo Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, fazendo parte de uma das turmas da Comissão de Estudos de Forças Hidráulicas, então criada por Gonzaga de Campos e Simões Lopes.

A turma de que fêz parte foi designada para estudar problemas de irrigação na região de São Francisco, tendo, primeiro, estudado canais de irrigação, nos Estados de Pernambuco e da Bahia, entre Santana do Sobradinho e Petrolina e Juazeiro, depois as quedas d'águas de Itaipira

Eng.º Antônio José Alves de Souza

e Paulo Afonso e, finalmente, a derivação de 100 m. cúbicos por segundo de água do São Francisco, em Cabrobó, Pernambuco, para lançá-las na bacia do Jaguaribe, no Ceará.

De fins de 1922, quando terminou essa campanha, até princípio de 1933, procedeu a estudos de várias quedas d'água e de regime de vários cursos d'águas nas bacias do rio São Francisco, do rio Doce e do rio Paraíba, no Estado de Minas Gerais.

Em princípios de 1933, tendo sido dada nova organização ao Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, sendo criada a Seção de Águas, foi designado para chefia-la pelo ilustre geólogo Dr. Euzébio de Oliveira, então Diretor daquele Serviço.

Em agosto do mesmo ano, tendo sido criado, pela reforma Juarez Távora, o Departamento Nacional da Produção Mineral abrangendo várias Diretorias novas, entre elas a Diretoria (hoje Divisão) de Águas, foi convidado para seu Diretor. Exerceu o cargo de Diretor da Divisão de Águas desde 18 de agosto de 1933 até 24 de junho de 1942, quando foi nomeado Diretor Geral do Departamento Nacional da Produção Mineral, cargo que exerceu até 15 de março de 1948.

Em outubro de 1947 fôra convidado pelo Ministro Daniel de Carvalho, em nome do Presidente Eurico Dutra, para organizar a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco.

Levado a bom termo o trabalho de organização dessa sociedade de economia mista, foi ela constituída na Assembléia Geral de seus Acionistas, realizada em 15 de março de 1948, tendo sido nessa Assembléia eleito Presidente da CHESF para o período de 1948-1952. Em 1952 foi reeleito para o período 1952-1956 e, em 15 de março de 1956, foi novamente eleito para o período 1956-1960.

Em princípios de 1939 foi nomeado membro do Conselho Federal do Comércio Exterior, tendo sido reconduzido sucessivamente nesse cargo nos anos seguintes, até o ano de 1949.

Foi também membro do Conselho Nacional de Minas e Metalurgia de 1942 a 1948.

Fêz parte da Comissão do Estatuto do Petróleo, da Comissão da Revisão do Código de Minas e da Comissão de Regulamentação do artigo 147 da Carta Constitucional de 1937.

Foi Presidente da Seção Brasileira do Instituto Pan-americano de Engenharia de Minas e Geologia, tendo presidido o Segundo Congresso Pan-americano de Engenharia de Minas e Geologia, reunido em Quitandinha (Petrópolis) em 1946, do qual participaram delegações de quase todos os países da América.

Foi Presidente do Comitê Nacional Brasileiro da Conferência Mundial da Energia, tendo presidido a Reunião dessa Conferência, realizada em Quitandinha, em 1954, com a participação de delegações de 31 países.

Foi membro da Sociedade Nacional de Agricultura.

Foi um dos delegados do Brasil à 3.ª Confe-



OBRAS COM CIMENTO

MAUA'



Indiscutivelmente o cimento é o material mais adequado a qualquer tipo de pavimentação. Quer quanto a solidez e durabilidade, quer quanto a beleza, nada supéra o cimento portland. As fotografias mostram o belo efeito que se obtém com pavimentações de lageotas tipo "Blokret", fabricados com o cimento portland "MAUA", o que lhes assegura resistência e durabilidade.



**COMPANHIA NACIONAL DE
CIMENTO PORTLAND**
RIO DE JANEIRO



Os dois lados da Kombi Volkswagen

Kombi empregada como veículo de carga, pode lhe proporcionar muita economia para financiar uma boa temporada de férias, para você e sua família. E a própria Kombi é ao mesmo tempo o veículo ideal para levar toda a sua turma ao local de descanso. Com toda a sua bagagem... e o mamãe quiser, ela pode até levar, aberto, o quadradinho do nenê na Kombi.

Capacidade de carga da Kombi é, aproximadamente, 15% maior que a das camionetas do tipo pick-up. Isto significa 15 viagens a menos em 100. E cada viagem custa a metade em gasolina, óleo e despesas de manutenção, sem falar do preço de aquisição que é muito menor.

A Kombi se converte de veículo de carga em espaçoso automóvel, com espantosa facilidade. Basta colocar os bancos e apertar quatro borboletas. A Kombi é fácil de guiar. Pode fazer conversão direta em ruas onde outros precisam fazer manobras. Estaciona em vagas que são pequenas para outras camionetas. As amplas portas laterais, bem como a porta traseira, possibilitam carregamento e descarregamento fácil e rápido diretamente do nível da calçada.

Qualquer um dos dois lados da Kombi — trabalho ou prazer — lhe revelará, quilômetro por quilômetro, novas vantagens.

Procure seu Revendedor Autorizado Volkswagen.

VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A. S. Bernardo do Campo — Est. de São Paulo



— o bom senso sôbre rodas